BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXI • ABRIL DE 1946 • N.° 230

Exportação Brasileira de Café

1946

Saca de 60 quilos

PORTO DE EMBARQUE	EXTERIOR	CABOTAGEM	TOTAL
MARÇO:			
Santos	722 445	308	728 753
Rio de Janeiro	262 035	10 822	272 857
Vitória	22 214	61 785	83 999
Paranaguá	37 574	—	37 574
Angra dos Reis	26 740	—	26 740
Salvador	4 014	2 886	6 900
Recife	14 451	—	14 451
Corumbá	28	—	28
Caravelas	—	1 250	1 250
Total de Março	**1 095 501**	**77 051**	**1 172 552**
Fevereiro	872 970	86 722	959 692
Janeiro	1 160 301	70 885	1 231 186
Total	**3 128 772**	**234 658**	**3 363 430**
MESMO PERÍODO EM:			
1945	2 963 207	112 055	3 075 262
1944	2 136 832	151 028	3 287 860
1943	1 747 973	115 627	1 863 600
1942	2 381 751	91 248	2 472 999

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXI	ABRIL DE 1946	Número 230

Sumário

COLABORAÇÃO:

ESTATÍSTICA:

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS :

A Fabricação de Carvão na Fazenda de Café — (esgotada)
O Controle à Erosão nos Cafèzais Sulcos e Cordões em Contôrno — Hélio Viégas de Camargo Bittencourt.
Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho.
O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho o decadente que já vi — Rogério de Camargo.
O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior.
Economia Cafeeira — A. Menezes Sobrinho.
Adubação verde para cafèzais — J. E. Teixeira Mendes
Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo
Culturas Acessórias na Fazenda de Café :
I — Feijão soja, fácil fonte de proteína — N. A. Neme
II — O Milho — G. P. Viégas
III — Arroz — Alimento Básico Tropical — H. S. Miranda
IV — Feijão — N. A. Neme
A Broca do Café — "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) — J. Bergamin
Expurgo de sementes de café infestadas pela broca do café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) com Bisulfureto de Carbono. — J. Bergamin
Despolpamento — J. Aloisi Sobrinho
Melhoramento do Cafeeiro — C. A. Krug.

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO :

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME : Municípios de : Avanhandava, Barretos, Cabreuva, Caçapava, Caconde, Campinas, Cedral, Cravinhos, Franca, Guará, Guaratinguetá, Ibitinga, Igarapava, Indaiatuba, Itirapina, Ituverava, Jacarei, Jambeiro, Jardinópolis, Jaú, Limeira, Mococa, Mogi Mirim, Monte Alto Pindamonhangaba, Pindorama, Ribeirão Bonito, Rio Claro, Santa Adélia, São José do Rio Pardo, Taquaritinga, Tietê.

TERCEIRO VOLUME : Municípios de : Andradina, Botucatu, Catanduva, Fernando Prestes, Guaira, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itu, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiaí, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogí Guassú, Nuporanga, Olímpia, Orlandia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pereira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Pôrto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME : Municípios de : Araçatuba, Bela Vista, Birigui, Candido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguassu, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.

QUINTO VOLUME : Municípios de : Assis, Avaré, Avaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Corregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussu, Itajubi, Leme, Marilia, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Piraju, Pompéia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha.

ANUÁRIO ESTATISTICO DA S. S. C. — 1937 - 1938 - 1939 (esgotado) 1940 - 1941 - 1942 - 1943 - 1944.

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos

(Especial pára o Boletim da S. S. C.)
— Panameuro — **Março de 1946.**

Logo no início dos trabalhos do mercado de café no mês de março, foi conhecido o decreto governamental estabelecendo liberdade para compra e venda de câmbio, deixando a cargo da Superintendência da Moéda e do credito a alteração e mesmo a supressão dos 30% do confisco do câmbio da Exportação.

Assim sendo e usando dos direitos que lhe foram atribuidos, a Superintendência estabeleceu 80% livre e 20% preso para o câmbio, havendo portanto redução de 10% no confisco.

Essa redução, conforme o prazo da entrega das cambiaes, produziam diferença de mais ou menos oitenta centavos por 10 quilos a favor do exportador.

Interpretando o decreto como desejo do Govêrno, de tornar livre tôda transação de câmbio, os negociantes de café, baseados no resultado da redução de 10% apresentaram-se com otimismo nas últimas compras, tendo o mercado reagido razoàvelmente, depois de longo período de estagnação nos negócios.

As entregas movimentaram-se e as bases melhoraram, pois o mês presente, que havia sido cotado a Cr. $56,00 passou a ser cotado a Cr. $58,00.

Também o disponível movimentou-se havendo mais interesse pelos lotes trabalhados.

Em principios de Março reuniram-se no Rio os representantes do Comércio e Lavoura dos diversos Estados Cafeeiros, para, juntamente com o Ministro da Fazenda assentarem medidas que orientassem a nova politica a ser adotada quanto ao café.

Também dos Estados Unidos, aguardavam-se notícias sôbre o mesmo assunto, porquanto em 31 do mês em estudo terminaria o prazo estipulado para o subsídio de 3 centavos.

A reunião de representantes do Comércio e Lavoura, no Rio, terminou após alguns dias, tendo os elementos que dela particiciparam, apresentado ao Ministro da Fazenda, relatório completo dos estudos realizados, com as sugestões para as medidas que deveriam ser adotadas. Entre estas, constava a da extinção do D. N. C. cuja razão de existência não foi mais considerada necessaria em vista do restabelecimento do equilíbrio estatístico.

Atendendo as razões apresentadas, o Govêrno decretou a extinção daquele orgão estabelecendo o inicio das liquidações para 30 de Junho em diante.

Essa foi a primeira medida tomada pelo Govêrno, após a reunião do Rio, e que seria o marco de nova politica cafeeira a ser seguida.

Dos Estados Unidos chegavam-nos a nota fornecida pelos orgãos competentes, pela qual davam a conhecer o resultado dos estudos realizados, também com referência aos novos rumos dos negócios cafeeiros.

O subsidio de 3 centavos por libra peso de café crú, importado pelos americanos, cujo prazo de concessão terminaria em 31 do mês em curso, foi prorrogado para 30 de Junho, sendo resolvido ainda ampliar o limite de compra para 7 milhões de sacos importados até aquela data.

Pela resolução acima, foi estabelecido, também, que os cafés adquiridos deveriam estar nos EE. UU. até 30 de Junho.

Com a notícia, o mercado passou a trabalhar com melhor orientação, tendo os Exportadores se interessado pelos lotes, em geral dando preferência sempre para cafés finos, não desprezando, entretanto, as qualidades inferiores.

Na primeira semana que foi publicada a nota americana, ordens de compras foram mandadas pelos importadores, e pelo volume de câmbio realizado nesse período calculava-se em cêrca de 500 mil sacas de negócios nos primeiros dias.

Notava-se na praça certa apreensão por parte dos Exportadores com referência ao prazo da chegada dos cafés comprados aos Estados Unidos. Consideravam exíguo o prazo, pois, para chegada a 30 de Junho, nos Estados Unidos, era necessário que o embarque em Santos fosse feito até o dia 10 de Junho no maximo.

Assim sendo, o prazo real para essas transações não passava de 2 mêses e meio o que não permitia embarque superior a 3 milhões de sacas. Com a colocação de cafés para países fóra do convênio, as bases para muitas qualidades tais como finas, na Suécia, foram bem acima do preço máximo americano, sendo que as demais qualidades também estiveram além dos "Ceilings".

Os preços que vigoraram para os negócios da semana, foram : Cafés Finos de Cr. $60,00 a 60,50 ; Estritamente Moles de Cr. $59,50 a Cr. $60,00 ; Duros de Cr. $58,50 Cr. $59,00 ; Riados de Cr. $56,00 a Cr. $57,00 ; Rios de Cr. $44,00 a Cr. $45,00.

Nos outros setores de negócios, o mercado seguiu a mesma orientação tendo se movimentado a entrega direta e os de conhecimentos de cafés embarcados estiveram ativos.

Foram negociados conhecimentos de 360 cruzeiros a Cr. $375,00 conforme zona e frete do café.

Dentro de ambiente bem estável, finalizou o mês de Março, apresentando o seguinte movimento estatístico : —

	sacas
Entradas durante o mês	804 182
Entradas desde 1.º de Julho	6 417 491
Embarques durante o mês	726 297
Embarques desde 1.º de Julho	8 635 583
Existência em 30 de Março de 1946	2 552 095

Segundo o Sindicato dos Corretores de Café de Santos, foram negociadas e registradas durante o mês as seguintes :

DISPONÍVEL	sacas
Durante o mês	969 560
Desde 1.º de Julho de 1945	6 730 120
CAFÉS EM CONHECIMENTO OU POR EMBARCAR	sacas
Durante o mês	64 831
Desde 1.º de Julho de 1945	1 026 258
CAFÉS A FATURAR NA CHEGADA	sacas
Durante o mês	36 272
Desde 1.º de Julho de 1945	386 977
ENTREGAS DIRETAS	sacas
Durante o mês	345 500
Desde 1.º de Janeiro de 1946	1 400 250

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA DO GÊNERO COFFEA COM REFERÊNCIA ESPECIAL À ESPÉCIE ARABICA

V

Alcides Carvalho
do Instituto Agronômico — Campinas

V — ORIGEM E CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA DO C. ARABICA L.

O **C. arabica** parece ser realmente originário dos pequenos vales das altas montanhas da Abissínia, de 1.000 a 3.000 m, entre 7 e 9.º L. N., ao longo dos altos afluentes do rio Omo, que deságua no lago Rodolfo e dos rios que desaguam no lago Estefânia e também ao longo dos afluentes do rio Nilo Azul, nesse país (2, 8, 9, 13, 17). Segundo os exploradores que estiveram nessa região, o arabica é particularmente abundante na região de Guimira, no Djima, bem como em Goré e em Kaffa, entre o Godjeb e o Omo e na região de Galla (2, 7). Na região de Harrar não há senão em estado cultivado (2).

Segundo Thomas (18), é provável que o arabica encontrado do planalto de Boma, no Sudão Anglo Egípcio, tenha aí se originado. Há, entretanto, dúvidas a êsse respeito.

Não sabemos ainda com exatidão qual das variedades dessa espécie representa a forma selvagem do arabica, isto é, a que produzia o café primitivamente usado pelos abissínios. Aparentemente, porém, a variedade **typica** foi a primeira a ser exportada para a Arábia, de onde irradiou pelos países que hoje são os maiores produtores de café do mundo. Produzindo cêrca de 90% do café consumido, o arabica possui hoje uma ampla distribuição. É pràticamente a única espécie cultivada nas Américas Central e do Sul ; é cultivado em várias colônias africanas, principalmente em Quênia, Uganda, Tanganica e no Congo Belga. Em menor escala é ainda cultivado no sul da Índia, Java, Sumatra e outras ilhas adjacentes (9, 12).

O arabica é uma espécie polimorfa, isto é, se apresenta com um grande número de variedades bem melhor estudadas que as de outras espécies, quer pelo valor econômico, quer por simplesmente pertencer à espécie arabica. Por isso, o que dissemos a respeito da sistemática das espécies do gênero **Coffea** se aplica também às variedades do arabica, muitas das quais foram descritas várias vêzes com nomes diversos e em locais e épocas diferentes.

No Estado de São Paulo, onde desde o inicio da cultura cafeeira foram importadas um grande número de variedades, era notável, até há pouco tempo, a confusão reinante na nomenclatura dessas variedades (12).

Ao serem iniciados os trabalhos de melhoramento dessa espécie no Instituto Agronômico de Campinas, um dos estudos básicos realizados pela Secção de Genética e de Café, consistiu na reclassificação do material existente na sua coleção e na coleta de dados pára a descrição de outras variedades novas, aqui originadas. Dêsse estudo, cujos resultados foram apresentados na Primeira Reunião Sul Americana de Botânica (12), retiramos a maioria das informações que a seguir apresentaremos, bem como as classificações aí propostas acrescidas de algumas variedades não constantes dêsse trabalho.

As diversas variedades de **C. arabica** que hoje possuimos em Campinas, podem ser grupadas em duas categorias a saber (12):

1) **Variedades e formas de valor econômico**

2) **Variedades de pouco ou nenhum interêsse econômico**

Ao primeiro dêsses grupos pertencem as seguintes variedades:

1. **C. arabica** L. var. **typica** Cramer
2. ,, ,, ,, ,, **typica** Cramer forma **xanthocarpa** (Caminhoá) Krug
3. ,, ,, ,, ,, **bourbon** (B. Rodrigues) Choussy
4. ,, ,, ,, ,, **bourbon** (B. Rodrigues) Choussy forma **xanthocarpa** Krug
5. ,, ,, ,, ,, **maragogipe** Hort ex Froehner
6. ,, ,, ,, ,, **maragogipe** Hort ex Froehner forma **xanthocarpa** Krug
7. ,, ,, ,, ,, **cera** K. M. C.
8. ,, ,, ,, ,, **semperflorens** K. M. C.
9. ,, ,, ,, ,, **San Ramon** Choussy

Aqui ainda poderiam ser juntados o café caturra e sua forma xanthocarpa, ainda não descritas.

Ao segundo dêsses grupos pertencem as seguintes variedades e formas:

10. **C. arabica** L. var. **angustifolia** (Roxb.) Miq.
11. ,, ,, ,, ,, **bullata** Cramer
12. ,, ,, ,, ,, **columnaris** Ottoländer ex Cramer
13. ,, ,, ,, ,, **erecta** Ottoländer
14. ,, ,, ,, ,, **goiaba** Taschdjian
15. ,, ,, ,, ,, **laurina** (Smeathman) D. C.
16. ,, ,, ,, ,, **mokka** Hort ex Cramer
17. ,, ,, ,, ,, **monosperma** Ottoländer et Cramer
18. ,, ,, ,, ,, **murta** Hort ex Cramer
19. ,, ,, ,, ,, **pendula** Cramer
20. ,, ,, ,, ,, **polysperma** Burck
21. ,, ,, ,, ,, **purpurascens** Cramer
22. ,, ,, ,, ,, **variegata** Cramer
23. ,, ,, ,, ,, **anomala** K. M. C.
24. ,, ,, ,, ,, **calycanthema** K. M. C.
25. ,, ,, ,, ,, **nana** K. M. C.
26. ,, ,, ,, ,, **rugosa** K. M. C.
27. ,, ,, ,, ,, **tetramera** K. M. C.

Também a êste grupo podem ser anexados o café "crespo", o "mucronado", o "anormalis" e outros ainda em estudo.

No decorrer de nossos estudos de genética, dos muitos cruzamentos realizados, conseguimos ainda um grande número de formas novas que, tivessem sido anteriormente encontradas, por certo teriam sido descritas como outras tantas variedades e formas do arabica.

As variedades do arabica acima citadas, são originárias de várias regiões cafeeiras, porém um bom número foi encontrado no Brasil. Há sérias dificuldades em se estabelecer, com segurança, onde surgiram. Em certas localidades há indicações da existência de algumas variedades, porém sem especificações se as mesmas aí se originaram ou se para aí foram anteriormente introduzidas, de outras regiões cafeeiras. É o caso de algumas variedades que mencionamos como surgidas no Brasil. Elas bem podem ter sido para aqui trazidas em várias épocas, à medida que ia aumentando o nosso interêsse pela cultura cafeeira. Eis porque o problema carece de estudos mais acurados. Com os dados que conseguimos reunir, essas variedades podem ser distribuídas, de acôrdo com sua origem mais provável, do modo seguinte, e conforme indicamos no mapa V. As interrogações adiante do nome das variedades indicam dúvidas quanto sua origem no local especificado.

Variedades	Origem
bourbon (?) typica mokka laurina (?)	Abissínia
bourbon laurina (?) mokka (?)	Iemen (Arábia)
angustifolia polysperma	Ilhas Celebes
bullata columaris erecta monosperma pendula purpurascens variegata	Java
murta	Ilhas Maurícias
bourbon (?) laurina	Ilha Reunião
San Ramon	Costa Rica

Variedade	Estado	País
maragogipe	Bahia	
maragogipe f. xanthocarpa	Espírito Santo	
catura	Minas Gerais	
purpurascens	Rio de Janeiro	
angustifolia		
anomala		
bourbon f. xanthocarpa		
bullata		
calycanthema		**Brasil**
cera		
erecta		
goiaba		
maragogipe f. xanthocarpa (?)	São Paulo	
monosperma		
nana		
pendula		
rugosa		
semperflorens		
tetramera		
typica f. xanthocarpa		
variegata		

A var. **typica,** é, de tôdas, a mais conhecida. O café que os holandêses importaram de Moca para Java (próximo a Batávia), em 1690 (2, 9), era, provàvelmente, da var. **typica.** É de se esperar, que esta tenha sido introduzida no Iemen, da Abissínia, pois as vagas indicações que encontramos sôbre a descrição do café no estado selvagem, na Abissínia (17, 18), nos levam a crer que essa variedade ainda hoje aí ocorre, provàvelmente entre outras da mesma espécie.

Não possuímos, também, indicações seguras quanto à origem da var. **mokka.** Há indicações da existência de um cafeeiro selvagem na Abissínia, produzindo semente pequenas que bem podem ser da var. **mokka** (17), porém nenhuma indicação encontramos quanto ao tipo da planta que, em cultura, é muito caraterístico. De outro lado, o seu próprio nome sugere sua origem nas plantações do Iemen, cujo café, exportado pelo pôrto de Moca, era de notável reputação no mercado mundial.

Quanto à origem do laurina, surgem também duas possibilidades : ou apareceu primeiramente na ilha da Reunião, ou aí foi introduzido da Arábia (2, 10). Quanto ao bourbon, há também as duas mesmas possibilidades, isto é, ou é originário da Reunião, antiga ilha Bourbon, onde se fêz a introdução do café em várias épocas (1708, 1715, 1721), ou é originário da Arábia, de onde Reunião recebeu os primeiros cafeeiros importados (2, 9, 10, 12). Também ainda há a possibilidade de ser mesmo originário da Abissinia.

Quanto às variedades de Java, é provável, como ocorreu no Brasil, que algumas para aí fôssem importadas e não se tenham realmente originado nessa região.

A origem do murta parece ser a ilha Maurícia (1) e, quanto ao San Ramon, não parece haver dúvidas quanto a sua origem na América Central, em Costa Rica (15).

De tôdas essas variedades, é a **typica** que ocupa maior área nas plantações de café das Américas Central e do Sul, seguindo-se-lhe a var. **bourbon.**

As primeiras culturas de café da América Central e do México parecem ter sido formadas com material de uma só procedência, isto é, com o café levado do Jardim Real de Paris, hoje Jardim das Plantas do Museu Nacional de História Natural de Paris, para Martinica. Os holandêses enviaram de Java, em 1706, para o Jardim Botânico de Amsterdam, um cafeeiro que aí floresceu um ano depois. É dessa única planta que parece ter se originado a maior parte dos cafeeiros arabica cultivados no mundo. Um descendente dêsse cafeeiro foi levado ao Jardim de Plantas de Paris em 1713 (9). Essa é a origem do café das Antilhas, que é a mesma do café de Surinam e de outros países da América do Sul, inclusive o Brasil, pois sementes dessa mesma planta, do Jardim de Amsterdam, é que foram, em 1714, enviadas à Guiana Holandêsa, de onde o café passou à Guiana Francêsa (1718) e depois ao norte do Brasil (9). Feliz, pois, a expressão de James Douglas ao se referir ao Jardim Botânico de Amsterdam como o viveiro universal do cafeeiro arabica (9).

Êste pequeno histórico se tornou necessário apenas para indicar que, segundo os dados colhidos, o café plantado tanto na América Central como na América do Sul, embora aparentemente de duas procedências diferentes, realmente provém de uma só planta e pertence à var. **typica.**

Por ser a var. **typica** a mais antiga e também a mais difundida, Cramer denominou-a o tipo da espécie e, por êsse motivo, em tôdas as análises genéticas que efetuamos em Campinas, tomamos essa variedade como têrmo de comparação. Isto, porém, não significa que a variedade **typica** seja realmente o tipo selvagem da espécie, o que só poderia ser elucidado examinando-se comparativamente as variedades ainda em estado silvestre na Abissínia. Em nossas análises genéticas também não deixamos de usar, sempre que possível, a var. **bourbon,** que é amplamente cultivada no Estado e genèticamente distinta da var. **typica.**

Sendo as variedades **typica** e **bourbon** as duas principais variedades cultivadas em São Paulo, passamos a dar, resumidamente, alguns de seus principais caraterísticos diferenciais :

a) Porte pràticamente igual.

b) Ramificação secundária do **bourbon** mais intensa que a do **typica.**

c) As fôlhas do **bourbon** são mais largas, mais onduladas e o ângulo de base do limbo com a nervura principal é maior do que na variedade **typica.**

d) No geral, os brotos terminais do **typica** são de côr bronze-escuro e os do **bourbon** de côr verde.

e) Os frutos de **bourbon** são pouco menores.

f) Para uma mesma largura, as sementes do **bourbon** são mais curtas que as do **typica.**

g) Genèticamente, as duas variedades são distintas, a var. **bourbon** possuindo, provàvelmente, o fator "typica" na condição duplamente recessiva, o que aliás, carateriza um bom número de variedades relacionadas, assim, com o **bourbon.**

.Na coleção de Campinas possuímos tôdas as variedades de **Coffea arabica** que enumeramos e que, sem dúvida, são as mais importantes. Alguns autores ainda citam outras poucas variedades, que não incluimos em nosso quadro por não terem sido bem estudadas até o momento e por não as possuirmos entre nós.

Iríamos além do nosso objetivo se fôssemos citar o comportamento de cada uma das variedades do arabica da coleção de Campinas. Julgamos conveniente apenas mencionar que tôdas essas variedades estão sendo estudadas, tanto do ponto de vista genético como do ponto de vista citológico. Podemos assim adiantar que um bom número de novas análises genéticas, além das que já foram publicadas pelo Instituto Agronômico, análises referentes aos principais caracteres dessas variedades, já se acham quase completas. Também convém especificar que, do ponto de vista do número de cromosômios, tôdas as variedades até agora analisadas, com exceção do **bullata** e **monosperma,** possuem 44 cromosômios somáticos e se cruzam sem dificuldade, o que tem facilitado bastante a elucidação do mecanismo hereditário de seus principais caracteres.

Foi com as principais variedades comerciais dessa espécie que a Secção de Genética, em cooperação com a Secção de Café do Instituto Agronômico, iniciou, em 1932, um plano de melhoramento do cafeeiro. Êsse plano tem por finalidade precípua a obtenção de formas com o máximo rendimento por unidade de área. Com a obtenção assim, de cafeeiros adaptados às diferentes regiões do Estado, talvez possamos conservar, permanentemente, em São Paulo, o café, que é a sua principal riqueza.

LITERATURA CITADA

1. **Chevalier, A.** — La culture des Caféiers à la Réunion. Revue de Bot. Appl. & D'Agric. Trop. **3** : 397-399 : 1923.
2. **Chevalier, A.** — Les Caféiers du globe. Fas. 1, 1-196. figs. 1-32. 1929. Paris. edit. Lechevalier.
3. **Chevalier, A.** — Nouveaux caféiers du Congo Belge. Rev. Bot. Appl. & D'Agric. Tropicale **14** : 353-54 : 1934.
4. **Chevalier, A.** — Un nouveau caféier sauvage de Madagascar à grains sans caféine. Rev. Bot. Appl. & D'Agric. Trop. **17** : 821-826 : 1937.
5. **Chevalier, A.** — Essais d'un groupement systématique des Caféiers sauvages de Madagascar et des Iles Mascareignes. Rev. de Bot. Appl. & D'Agric. Trop. **18** : 825-843 : 1938.
6. **Chevalier, A.** — Sur les Caféiers nouveaux d'Afrique comme source principale des cafes pour la consommation française : Comptes rendus des séances de l'Academie des Sciences de Paris **207** : 653-654. 1938.
7. **Chevalier, A.** — Sur quelques Caféiers et Faux Caféiers de l'Angola et du Mayombe portugais. Rev. Bot. Appl. et D'Agric. Trop. **19** : 396-407 : 1939.
8. **Chevalier, A.** — Nouveau groupement des espèces du genre **Coffea** et spècialement des celles de la section **Eucoffea.** Comptes rendus des sèances de l'Academie des Sciences de Paris. **210** : 357-361 : 1940.
9. **Chevalier, A.** — Le Café. 1-124 : 1940. Presses Universitaires de France 108, Boulevard Saint-Germain, Paris.

10. **Choussy, F.** — El Café. Tomo **1.** San Salvador, El Salvador C. A. 1935.
11. **Houk, W. G.** — Nomenclatura dos cafeeiros. Lista de Referências e Bibliografia. Bol. Técn. do Inst. Agron. do Est. S. Paulo em Campinas n.º 63. 1-49 : 1939.
12. **Krug, C. A., J. E. T. Mendes e A. Carvalho.** — Taxonomia de **Coffea arabica** L. Descrição das variedades e formas encontradas no Estado de São Paulo. Bol. Técn. do Inst. Agron. do Est. S. Paulo em Campinas n.º 62. 1-57. Est. I-LVIII : 1939.
13. **Lastreto, C. B.** — A procura de cafeeiros selvagens. Revista do D.N.C. do Rio de Janeiro : **13** : 482-484 : 1939.
14. **Mendes, J. E. T.** — A enxertia do Cafeeiro 1. Bol. Técn. do Inst. Agron. do Est. de S. Paulo em Campinas. **39** : 1-18, figs. 1-6 1938.
15. **Mendes, J. E. T.** — O cafeeiro San Ramon. Rev. do Inst. de Café do Est. S. Paulo. **25** : 450-452 : 1939.
16. **Taunay, A. de E.** — A história do café no Brasil. **1** : 1-388 : 1939. Edição do Departamento Nacional do Café do Rio de Janeiro.
17. **Tissot, P.** — Production et commerce du café en Ethiopie. Rev. Bot. Appl. & D'Agric. Trop. **19** : 172-177 : 1939.
18. **Thomas, A. S.** — The Wild Arabica Coffee on the Boma Plateau Anglo-Egyptian Sudan. The Emp. Jour. of Exp. Agric. **X** : 207-212. 1942.
19. **Thomas, A. S.** — The Wild Coffees of Uganda. The Emp. Journ. of Exp. Agric. : XII : 1-13. 1944.

MAPA V

ORIGEM PROVÁVEL DAS VARIEDADES DE **COFFEA ARABICA** L., E SUCESSIVAS TRANSFERÊNCIAS DA VARIEDADE **TYPICA**.

Variedades	Origem	
1. typica 2. mokka 3. laurina (?) 4. bourbon (?)	Abissínia	
4. bourbon 3. laurina (?) 2. mokka (?)	Iemen (Arabia)	
5. angustifolia 6. polysperma	Ilhas Celebes	
7. bullata 8. columnaris 9. erecta 10. monosperma 11. pendula 12. purpurascens 13. variegata	Java	
14. murta	Ilhas Maurícias	
4. bourbon (?) 3. laurina	Ilha Reunião	
15. San Ramon	Costa Rica	
16. maragogipe	Bahia	Brasil
17. maragogipe f. xanthocarpa	Espírito Santo	Brasil
18. caturra	Minas Gerais	Brasil
12. purpurascens	Rio de Janeiro	Brasil
5. angustifolia 19. anomala 20. bourbon f. xanthocarpa 7. bullata 21. calycanthema 22. cera 9. erecta 23. goiaba 17. maragogipe f. xanthocarpa (?) 10. monosperma 24. nana 11. pendula 25. rugosa 26. semperflorens 27. tetramera 28. typica f. xanthocarpa 13. variegata	São Paulo	Brasil

ADENDA :

Em 1942, o professor Auguste Chevalier publicou o segundo volume de seu trabalho sôbre os cafeeiros do mundo (Les Caféiers du Globe Fascicule II — Iconographie Des Caféiers Sauvages et Cultivés — Encyclopédie Biologique XXII — Paul Lechevalier, Rue de Tournon, 12 — Paris, 1942). Devido à guerra, sòmente agora pudemos receber êsse volume, onde são descritas, com mais detalhes, as diversas espécies de café consideradas válidas. Comparando a divisão geral do gênero apresentada neste último trabalho de Chevalier com a divisão proposta por êsse mesmo autor em 1940, Quadro II do presente artigo, notam-se algumas diferenças, razão pela qual resolvemos apresentá-las nesta adenda (Quadro VI). As modificações foram estas :

1. O gênero **Coffea** foi dividido em 5 Secções ao envez de 4 a saber : **Eucoffea, Mozambicoffea, Mascarocoffea, Argocoffea** e **Paracoffea.** Vê-se, então que **Mozambicoffea** que fôra, em 1940, considerada como Sub secção de **Eucoffea,** passou à categoria de Secção.

2. A Secção **Paracoffea** Miquel ficou constituída por 8 espécies em lugar de 12, isto é, **C. bengalensis** (Roxb.) Roem. et Sch., **C. Horsfieldiana** Miq., **C. fragrans** Wall., **C. Wightiana** Wall., **C. travancorensis** Wall., **C. floresiana** Boerlage, **C. floreifoliosa** Chev., **C. Grevei** Drake ex Chev., as 6 primeiras sendo oriundas do sudeste da Àsia, Ceilão, ilhas de Key, Java, Madura e as duas últimas de Madagascar. As espécies **C. cochinchinensis** Pierre ex Pitard, **C. dongnaiensis** Pierre ex Pitard e **C. uniflora** K. Schum., embora de posição incerta, mais se aproximam dêsse grupo.

3. A Secção **Argocoffea** Pierre (gêneros **Argocoffea** Lebrun e **Argocoffeopsis** Lebrun), foi subdividida em 2 Sub secções (séries), isto é, **Eu-Argocoffea** Chev., compreendendo 5 espécies e **Argocoffeopsis** (Lebrun) Chev., com 4 espécies. A espécie **C. ligustrifolia** Stapf. passou para sinônimo de **C. Afzelli** Hiern. e as espécies **C. nigerina** Chev. e **C. Thonneri** Lebrun foram eliminadas. É interessante notar, entretanto, que na relação das estampas Chevalier ainda considera como válida a espécie **C. nigerina.** As espécies desta Sub secção são tôdas do oeste africano, salvo o **C. Claessensii** que é do baixo Katanga.

4. A **Secção Mascarocoffea** não sofreu modificações. Apenas os nomes de alguns autores foram modificados.

5. A Secção **Eucoffea** ficou agora constituída de apenas 4 Sub secções como já dissemos, isto é, **Erythrocoffea** Chev. (= **Abyssinae** Lebrun), **Pachycoffea** Chev., **Melanocoffea** Chev. e **Nanocoffea** Chev., contendo espécies espontâneas das regiões oeste e centro africano desde o Atlântico até a Abissínia e nas encostas das regiões entre o Congo e o Nilo. Sómente **C. mokka** faz exceção ; porém esta espécie tem grande afinidade com os cafeeiros da Secção **Mozambicoffea** Chev. . Deixou de fazer parte da Sub secção **Erythrocoffea** Chev. a espécie **C. intermedia** Chev., que passou para sinônimo de **C. eugenioides** Moore da Secção **Mozambicof-**

QUADRO VI

CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA POR A. CHEVALIER (1942)

Gênero	Secção	Sub secção	Espécies	
Coffea	**Paracoffea** Miquel		**C. bengalensis** (Roxb.) Roem. et Sch.	
			C. Horsfieldiana Miq.	
			C. fragrans Wall.	
			C. Whightiana Wall.	
			C. travancorensis Wall.	
			C. floresiana Boerlage	
			C. floreifoliosa Chev.	
			C. Grevei Drake et Chev.	
			C. cochinchinensis Pierre et Pitard	Espécies de posição incerta
			C. dongnaiensis Pierre et Pitard	
			C. uniflora K. Schum.	
	Argocoffea Pierre	**Eu-Argocoffea** Chev.	**C. jasminoides** Welw.	
			C. rupestris Hiern.	
			C. Afzelii Hiern. (=**C. ligustrifolia** Stapf.)	
			C. nudiflora Stapf.	
			C. melanocarpa Welw.	
		Argocoffeopsis (Lebrun) Chev.	**C. candens** K. Schum.	
			C. subcordata Hiern.	
			C. Claessensii Lebrun	
			C. pulchella K. Schum.	
	Mascarocoffea Chev.	**Verae** Chev.	**C. lancifolia** Chev.	
		Mauritianæ Chev.	**C. Humblotiana** Baill.	
			C. mauritiana Lamk.	
			C. nossikumbaensis Chev.	
		Multifloræ Chev.	**C. Gallienii** Dubard	
			C. resinosa (Hook. f.) Radlk.	
		Sclerophyllæ Chev.	**C. Bertrandi** Chev.	
		Terminalis Chev.	**C. Boiviniana** (Baill.) Drake	
			C. buxifolia Chev.	
			C. Pervilleana (Baill.) Drake	
			C. Augagneuri Dubard	
			C. Bonnieri Dubard	
		Brachysiphon Dubard ex Chev.	**C. Alleizetti** Dubard	
			C. Commersoniana (Baill.) Chev.	
		Macrocarpæ Chev.	**C. macrocarpa** A. Rich.	
		Garcinioides Chev.	**C. Mogeneti** Dubard	
			C. tetragona Dubard	
			C. Dubardi Jumelle	
	Eucoffea K. Schum. (emend.) non Benth. et Hook.	**Erythrocoffea** Chev.	**C. arabica** L.	
			C. mokka Hort.	
			C. congensis Froehner	
			C. canephora Pierre	
		Pachycoffea Chev.	**C. liberica** Hiern.	
			C. Klainii Pierre	
			C. oyemensis Chev.	
			C. Dewevrei De Wild. et Dur.	
		Melanocoffea Chev.	**C. stenophylla** G. Don.	
			C. affinis De Wild.	
			C. Carrissoi Chev.	
		Nanocoffea Chev.	**C. brevipes** Hiern.	
			C. humilis Chev.	
			C. montana Schum.	
			C. togoensis Chev.	Espécies mal conhecidas
			C. mayombensis Chev.	
			C. kivuensis Lebrun	
	Mozambicoffea Chev.		**C. racemosa** Lour. (= **C. Ibo** Froehner, **C. Swynnertonii** Moore).	
			C. zanguebariæ Lour.	
			C. eugenioides Moore (= **C. intermedia** Chev.).	
			C. ligustroides Moore	
			C. salvatrix Swynnerton et Philipson	

fea Chev., sendo porém crescida a essa Sub secção **Erythrocoffea** à espécie **C. mokka** Hort. A espécie **C. abeokutæ** Cramer, que foi suprimida da Sub secção **Pachycoffea** Chev., consta da relação das estampas como válida. A Sub secção **Melanocoffea** Chev., que era constituída por uma só espécie passou a ser formada por três espécies, isto é, pelo **C. stenophylla** G. Don., **C. affinis** De Wild e **C. Carrissoi** Chev.. As espécies **C. togoensis** Chev. e **C. mayombensis** Chev. deixaram de ser classificadas na Sub secção **Nanocoffea** Chev. para, conjuntamente com o **C. kivuensis** Lebrun, fazerem parte de um grupo de espécies mal conhecidas, porém próximas de **Nanocoffea.**

6. A nova Secção **Mozambicoffea** Chev. que compreende espécies originárias da parte leste das encostas da região Congo-Nilo, ficou constituída pelas seguintes espécies : **C. racemosa** Lour. (= **C. Ibo** Froehner, **C. Swynnertonii** Moore), **C. zanguebarie** Lour., **C. eugenioides** Moore (= **C. intermedia** Chev.), **C. ligustroides** Moore e **C. salvatrix** Swynnerton et Philipson.

Chevalier chama ainda a atenção para o fato de não existir na América, Austrália e nem na Polinésia nenhum representante do gênero **Coffea** e nem dos gêneros vizinhos **Psilanthus, Psilanthopsis, Lemyrea, Chapelieria, Tricalysia** e outros.

América do Norte
México
Cuba
Haiti
Rep. Dominicana
Porto Rico
Martinica
Jamaica
Honduras
Guatemala
El Salvador
Nicarágua
Costa Rica
Panamá
Venezuela
Colômbia
Surinam
Caiena
Belem
Pará
Brasil
Baía
Minas Gerais
Espírito Santo
S. Paulo
Rio de Janeiro
América do Sul
Oceano Pacífico
Oceano Atlântico
Europa
Paris
Amsterdã
Áfric
MAPA
Origem Provável das V
e Sucessivas Transferê
Borelli

Á
s
i
a
Arábia
Yemen
Abissinia
Madagascar
I. Mauricia
I. Reunião
Célebes
Java
o c e a n o
í n d i c o
V
...riedades do Coffea arabica L.
...cias da Variedade typica.

Aspectos da economia nacional

J. C. Mello

Comentando a situação da agricultura brasileira, em declínio ou estagnação e com um mundo de problemas a resolver, disse uma revista desta capital, especializada em assuntos econômicos, que a mais simples explicação para o fato reside no exame das verbas que são destinadas aos vários ministérios. E, citando dados, afirma que, emquanto às Fôrças Armadas, por exemplo, são destinados cêrca de 40% do orçamento da receita do país, ao Ministério da Agricultura não se destinam mais que 3% (em 1946).

Êsse é, por certo, um dos males de nossa agricultura : a falta de melhor estímulo e amparo oficial.

Há outras razões, todavia, e tantas e tão complexas que se emaranham, tornando-se difícil saber qual a mais importante. A questão do transporte, por exemplo, num país extenso e de topografia geralmente ingrata, como o nosso, é séria e, só por si, capaz de ocasionar graves dificuldades.

A deficiência de educação, em geral, principalmente sob o ponto de vista econômico, ou sob o aspecto dietético, com suas repercussões sôbre a agro-pecuária, é outro motivo capaz de explicar muitas das nossas deficiências naquele setor.

Existe, todavia, uma questão a nosso ver ainda mais importante, e que nem sempre tem sido considerada. Duvidamos, até, de que tenha sido alguma vez focalizada com profundeza e objetividade. É o fato de que, apesar de se ter dito, tantas vêzes que "o Brasil é um país essencialmente agrícola", e da observação, ainda uma vez confirmada pelo último recenseamento, de que a maioria da nossa população vive no campo, nós não somos, na real acepção da palavra, um país de agricultores. O modo como lavramos a terra é, em geral, e salvo raríssimas e honrosas excepções, rotineiro e predatório. A grande agricultura, fazêmo-la derribando as matas, ou, melhor, queimando-as e em seu lugar plantamos aproveitando a camada de húmus que a natureza acumulou, no seu trabalho secular ou milenar.

Agricultura científica, com adubação (principalmente adubação natural, preferível à adubação química), com rotação de culturas, com defesa do solo contra a erosão, isso nunca se fêz. E não se diga que constituem estudos e conquistas recentes. Aqui, entre nós, póde ser que só agora se fale nisso, mas essa espécie de agricultura é há dois mil anos praticada pelos europeus e há cinco mil pelos chinêses.

No Brasil, é doloroso dizê-lo, essa espécie de agricultura só a fazem em geral, os estrangeiros : japonêses e italianos, portuguêses e espanhóis. E nem sempre inteiramente a contento, pois se os japonêses trabalham bem a terra e combatem com eficiência as pragas, em compensação dão exagerada preferência à adubação química. E, quanto aos agricultores latinos, fazem o contrário : seu sistema de adubação é mais natural, mais racional, mais capaz de manter ou restaurar a fertilidade da terra, mas, em compensação, descuram muitas vêzes, os inseticidas e os modernos processos agrícolas.

Nosso caipira só muito raramente é chacareiro. É um herói, já decantado, nas derrubadas e na fase inicial da conquista do sertão. Depois, na hora do aproveitamento sistemático, metódico, permanente, da terra, sua produtividade diminui. Prefere a "roça", a roça de milho, de arroz ou de feijão, feita em terra de mata e após a queimada clássica. Enfraquecida e erodida a terra, ou vai para diante,

para o **sertão,** continuar na mesma prática, ou vem para as cidades cuidar de outra ocupação. O chacareiro, o pequeno grangeiro dos arredores das grandes cidades, o apicultor, aquele que, enfim, se localiza nas "terras ruins e cansadas" de perto das cidades, afim de as explorar pela adubação e pelo trabalho, êsse é estrangeiro na mór parte das vêzes.

Uma observação fácil, que qualquer um póde fazer, é verificar o que vendem, nas feiras livres, os caipiras : mel de páu, raizes medicinais, palmito, etc.. Tudo produtos da indústria extrativa. Nada que dependa de agricultura.

Nossa pecuária não tem sido diferente. Em grande parte devido às nossas condições mesológicas, ao calor, ao carrapato, à falta de pastos finos, nosso gado é, em geral, rústico mas inferior, de má carne e pouco leite, criado à solta, sem estabulação, com um mínimo de trabalho e com muito pequeno rendimento **per capita.** Cada alqueire de terreno só comporta, em média, uma rez, quando no regime de estabulação ou, pelo menos, de meia estabulação, poderia comportar o triplo ou o quádruplo. Isso quanto ao número das rezes, cabendo dizer ainda que cada uma delas seria de maior produtividade, em carne ou em leite.

Nossas forragens — tortas e farelos — foram durante tôda a vida exportadas, ao envés de serem destinadas a nutrir os nossos rebanhos ou pelo menos a servir de adubos. E só recentemente, com a guerra, foram creadas restrições a êsse comércio.

E, por falar em adubos, lembremos que é incipiente, é pequeníssima, nossa indústria de adubos artificiais, químicos ou não, sendo que o estêrco de curral das nossas numerosíssimas fazendas, só em poucas delas é aproveitado.

* * *

Tudo isso explica porque agora nos debatemos em meio a uma crise que não é tanto de inflacionismo e de mercado negro, mas, principalmente, de carência.

Verdade é que o consumidor brasileiro não tem o espírito de organização e de defesa de seus interesses como na Europa ou nos Estados Unidos ; verdade é, também, que os especuladores florescem livremente, com um despudor exagerado, e que os racionamentos, tabelamentos e fiscalizações teem sido demorados, unilaterais e falhos. Mas, não é menos certo que o mal maior reside na deficiência de produção. Onde o alimento falta, ou é escasso, não há racionamentos nem tabelamentos que sejam eficientes. Houvesse abundância de tal ou tal artigo, e transporte para colocá-lo nos mercados, e o seu preço cairia, automàticamente.

Vejamos, todavia, o que acontece no exterior. Não falemos na Argentina, que nada em fartura, de tudo, não só dos gêneros próprios, mas também dos artigos estrangeiros, que ali entram com certas facilidades aduaneiras e são vendidos por preço absolutamente razoável, conforme é sabido.

Falemos dos Estados Unidos que, tendo se comprometido a exportar para a Europa seis milhões de toneladas de cereais, enviaram quase o dobro, ou sejam onze milhões e setecentas mil toneladas. Acrescentando-se a essa cifra outros produtos, tais como laticínios, carnes, etc., o total exportado por aquele país para os famintos de todo o mundo (e algumas remessas vieram também... para os países "deficitários", da América Latina, como êles dizem) atinge a quase dezessete milhões de toneladas. Verdade seja que êsses socorros foram prestados à custa de restrições feitas ao povo americano. Mas, aqui, com restrições muito maiores, as nossas remessas de alimentos para o exterior foram pràticamente nulas.

Há, porém, mais e melhor : nossos leitores devem ter visto em nossos grandes jornais, já em fins de 45 e princípios de 46, anúncios de vendedores de batatas holandesas para plantío e de reprodutores bovinos, também daquele país. Não se trata, é bem de ver, de produtos "de raça holandesa", mas realmente procedentes da Holanda, e acabados de chegar. Devem ter, igualmente, lido um telegrama da Dinamarca, noticiando, ainda em princípios de 1946, o restabelecimento das exportações dinamarquesas de carnes e laticínios para o resto da Europa.

E devem, possìvelmente, ter visto uma correspondência enviada de Paris a um de nossos grandes jornais, dizendo que ali não há filas e que os gêneros de primeira necessidade são encontrados à venda por preços iguais ou inferiores aos daqui, excetuada a carne.

Tudo isso diz bem da capacidade organizadora desses povos e nos prova, também, que a ocupação e a... desocupação, não destruiram tanto.

* * *

Entre nós, o que aumentou não foi a produção : foram os preços, conseqüência da carência, dos intermediários, das deficiências de transporte e da inflação.

É curioso, por exemplo, examinar um quadro que tem sido publicado pela imprensa mostrando o desenvolvimento das exportações paulistas, por vias férreas, para os Estados fronteiriços.

Ei-lo :

ANO	Quilos	Valor — Cruzeiros
1939	723 100 537	1 519 063 004
1940	651 826 915	1 739 859 180
1941	790 670 255	2 767 144 604
1942	854 689 316	3 264 065 236
1943	937 040 219	5 119 081 438
1944	865 160 428	5 794 460 088

Êsse quadro tem sido objeto de encômios, salientando-se, por exemplo, o fato de que o valor dessa exportação, em 1944, chegou a superar o total das exportações, no mesmo ano, para os Estados Unidos, que, sendo o nosso principal cliente estrangeiro, apenas nos comprou 5.693.299.000 cruzeiros.

Realmente, é ponderável aquela cifra e digno de elogios o fato. É interessante, todavia, comparar a progressão na tonelagem e no valor. Enquanto, de 1939 a 44, a tonelagem dessa exportação cresceu de 723.000 a 865.000, ou seja um aumento de 20%, no mesmo período o aumento em valor foi de quase quatro vêzes, quase quatrocentos por cento ! Temos, assim, que, se em seis anos a progressão real dessas vendas, em peso, foi de 20% numa ocasião em que quase sòmente o parque industrial de São Paulo abastecia o país, essa progressão, embora auspiciosa, não é

excepcional. Excepcional é, entretanto, a progressão dos preços! Já hoje, vemos entrar no país artigos argentinos, americanos, suecos, etc., por preços bem inferiores aos nacionais!

Nessas condições, lucraram os indústriais bandeirantes, não há dúvida. Mas, póde-se dizer o mesmo das outras parcelas da população, os não industriais, de São Paulo e dos outros Estados?

E, será o aumento dos preços da matéria prima e da mão de obra, correspondente àqueles acréscimos no valor do produto industrial?

* * *

Em resumo: há muito por fazer, mas, principalmente, desenvolver a produção. Todos os meios deverão ser usados: financiamento-racional, prático e fácil, e não burocrático; fornecimento de sementes selecionadas e de adubos baratos; garantia de preços; transportes rápidos e eficientes; melhoria das condições de vida do homem do campo, principalmente quanto à saúde e educação; propaganda em prol da agricultura, mas em bases eficientes, de fácil compreensão, sem retórica e terminologia incompreensível pelos homens do campo.

Cada um desses itens daria, porém, um artigo, motivo por que nos limitamos, por hoje, a indicá-los apenas.

CULTURAS SUBSIDIÁRIAS NA FAZENDA DE CAFE'

II

— A MANDIOCA —

Engº Agrº EDGARD S. NORMANHA

* * *

A mandioca é uma planta de origem brasileira, cujo valor econômico se baseia na grande quantidade de alimento que fornece por unidade de superfície cultivada.

A sua cultura é das mais antigas e primitivas do país. Quando os hespanhóis e portuguêses aportaram em terras brasileiras, já aqui encontraram na roça indígena, sob os tratos dos aborígenes, aquela magnífica planta. E com as raizes dela os índios fabricavam diversos tipos de alimentos e bebidas licorosas.

Segundo consta nos anais da história do Brasil, os colonizadores do território encararam a mandioca como um vegetal de grande valor na manutenção do braço escravo, tendo isto influido mesmo, de maneira favorável, na obra de colonização do país, por facilitar o poblema da subsistência. Tal importância se conferia à planta já naquela época que, em 1688 El-rei tornou obrigatório, por lei, o plantio de 500 covas de mandioca para cada escrava existente no recôncavo baiano.

E a principal finalidade a que se destinava a mandioca no Brasil colonial era a da fabricação de farinha de mêsa. Êste produto foi, durante muito tempo, artigo de exportação para a África e para a Metrópole Portuguêsa.

No livro "Memórias sôbre a fundação e custeio de uma fazenda na província do Rio de Janeiro", pelo Barão do Paty do Alferes, (1878), encontravamos esta interessante citação, encarecendo o valor da mandioca, naquela época : "É esta preciosa planta uma das mais necessárias ao fazendeiro e a todos em geral ; sua ótima farinha serve nas nossas mesas como um accessório indispensável e necessário ; nas mesas de maior luxo, aí aparece o seu pirão, os deliciosos bolos de tapióca, e os saborosos mingaus e biscoutos de sua goma, que também lustra a cambraia e finíssimos morins de nossas camisas e dos vestidos de nossas damas.

"Sem dúvida, nenhum de nossos lavradores deve deixar de fazer todos os anos larga sementeira desta planta, cujo celeiro é a terra em que se semeia, dela se extraindo à proporção das necessidades de consumo".

Na fazenda de café, onde além desta, outras culturas accessórias se impõe por assim dizer, ao fazendeiro, como uma necessidade, por contribuirem para o sustento de colonos e dos animais de trabalho, como sejam o milho, o arroz, os feijões, a cana, etc., é de grande vantagem também a existência de culturas subsidiárias, ou auxiliares à própria vida da fazenda, como seja, por exemplo, a mandioca, planta de que estamos tratando.

Plantada uma área conveniente, de acôrdo com o consumo que poderá ter, a mandioca vai fornecer raizes para o consumo caseiro, sob as mais variadas formas, para o fabrico de farinha de mêsa, tão útil ao braço trabalhador e para a criação de

vacas de leite e porcos, onde desempenha um valor inestimável. Só isto justificaria o plantio da mandióca nas fazendas de café bem organizadas, em rotação de cultura como o milho, e plantas leguminosas de valor econômico, ou como adubo verde.

Convém realçar que a manutenção de plantas alimentícias de cultivo fácil, ao lado da lavoura de café, contribue grandemente para a fixação de colono à terra.

As raizes de mandióca são principalmente ricas em hidrátos de carbono, fonte de calorias, enecerram a vitamina B_1 (autineurítica) na fécula e na farinha de mesa e, alem dessa, a vitamina B_2 (fator de crescimento) raizes cruas, o que vem muito a favor do valor das mesmas na criação dos animais, vacas de leite e porcos de engorda em ração alimentar. Também as ramas das variedades mansas, podem ser empregadas, esfareladas, como forragem para o gado leiteiro, com vantagens.

Por tôdas essas razões é aconselhável o cultivo dessa planta na fazenda cafeeira. Em seguida faremos em diferentes capítulos o modo mais aconselhável e prático de fazê-la.

CLIMA : — A mandióca como planta de origem brasileira, das regiões de clima tropical e sub-tropical, requer um clima quente e úmido. O calor e as chuvas favorecem a sua brotação, enraizamento e crescimento vegetativo. Temos em quase todo o Estado, condições propícias de clima para ela, apesar do período relativamente frio e sêco de maio a agôsto, época em que as plantas repousam, vegetando porém, mais ou menos intensamente, nos demais meses. As geadas lhe são prejudiciais, queimando e inutilizando as suas ramas.

O CALOR E AS CHUVAS CONCORREM PARA A BOA BROTAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS PLANTAS

TERRAS : — A mandióca não deve ser cultivada nas piores terras. O conceito de que ela é muito pouco exigente com relação à fertilidade do solo não tem fundamento, pois que as experiências e a observação pràtica mostram justamente o contrário. Nas terras pobres obtém-se menor produção de raizes, ficando ainda as plantas mais sujeitas ao ataque de moléstias. As terras devem ser de boa fertilidade, arenosasou sílico-argilosas, sôltas e frescas, com bom teor em matéria orgânica. Este último fator assegura a vida do solo e impede, de certo modo, a lavagem que o empobrece, aumenta a capacidade de retenção das águas das chuvas, constituindo um elemento de grande importância para essa cultura. A acidês do solo é desfavorável aobomdesenvolvimento e à resistência das plantas. O terreno deve ser bem exposto ao sol e livre de muita umidade, pois esta faz amarelecerem as fôlhas e apodrecerem as raízes, quando não impossibilita a brotação das manivas.

AS TERRAS FÉRTEIS, NÃO MUITO ÁCIDAS, DÃO AS MAIORES PRODUÇÕES

PREPARO DO TERRENO : — Num terreno cheio de tocos, de recente derrubada, o plantio se faz em covas. Estas são feitas com enxadas, devendo-se para tal, revolver muito bem a terra ao redor da cova. Em terreno livre de tocos, onde se vai iniciar a cultura, fazem-se duas arações cruzadas a 20 cm de profundidade : uma no fim das chuvas (abril-maio) e a outra em setembro, antes do plantio. Esta última, se puder ser feita após uma chuva, melhor, pois o revolvimento da camada

arável será mais completa e mais fácil o trabalho. A aração, quando bem feita, beneficia o terreno, que se torna sôlto, arejado e mais adequado ao desenvolvimento das raízes, que deslocam grande volume de terra durante o seu crescimento.

O destorroamento a cargo das grades de dentes ou de discos, deverá deixar a terra bem esmiuçada e sôlta, de modo a ficarem as manivas, quando plantadas, em contato com a terra capaz de armazenar unidade e não com torrões que fàcilmente secam e dificultam a brotação.

É nesta fase da cultura da mandióca que se deve "despraguejar" o terreno o mais possível, para que, após o plantio, seja mínimo o perigo de infestação pelas hervas más. Com isso, se conseguirá que, durante o período de brotação das manivas, as plantinhas não sejam abafadas por um excesso de mato.

FAÇA UMA BOA ARAÇÃO; AS RAÍZES SE DESENVOLVERÃO MELHOR.

VARIEDADES — Das variedades de mandióca existentes no Estado de São Paulo, a que se cultiva em maior escala é a "Vassourinha", a mais conhecida pelos lavradores. Não é venenosa e dá boas colheitas, desde que seja cultivada com o devido capricho. No momento atual é esta a variedade aconselhada para o plantio das culturas comerciais, não só por ser boa, como também porque é dela que, com mais facilidade, se conseguem ramas em grandes quantidades.

Outras variedades são também plantadas, como a "Tatú", nos municípios de Sorocaba e Tietê, a "Branca", na zona do Vale do Paraíba, onde também se cultivam a "Cambaia" (venenosa), a "Aipim Guassú, a "Pão do Céu" etc.. Dada a escassês de ramas da variedade "Vassourinha" para o plantio, ùltimamente a variedade "Branca" foi introduzida também nos municípios de Aráras e Campinas. Essa variedade, da mesma forma que a "Vassourinha", é suscetível à Bacteriose, moléstia bastante grave que ocorre no Estado, e o sucesso da cultura vai depender, nesse particular, da qualidade das ramas importadas, e dos cuidados subseqüentes, principalmente seleção.

A Seção de Raízes e Tubérculos, do Instituto Agronômico, vem realizando experiências com diversas outras variedades, e dispõe já de algumas bastante promissoras, não só quanto à sua produção, como também quanto à resistência Bacteriose. Tais variedades continuam sendo estudadas e, ao mesmo tempo, multiplicadas para a distribuição aos lavradores, oportunamente.

A "VASSOURINHA" É UMA VARIEDADE. HÁ, ENTRETANTO, VARIEDADES MELHORES PARA OS DIVERSOS FINS.

ESCOLHA DA RAMA E O SEU PREPARO — O lavrador deve indagar sôbre a origem das ramas que lhe vão servir no plantio. Pela inspeção dessas, ainda em cultura, poderá ver o estado de sanidade do material e evitar, assim, o uso de manivas oriundas de lavouras onde hajam ocorrido moléstias ou pragas. A Bacteriose, o Superbrotamento e as brocas das ramas precisam ser levados em consideração, pois que a sua presença nas plantas comprometerá a futura lavoura, motivo pelo qual o lavrador deve sempre inspecionar as culturas que lhe fornecerão as manivas.

As ramas mais indicadas são as que provêm de plantas nem muito novas nem muito velhas. As primeiras são, geralmente, fracas, com poucas reservas, e as últimas, muitas vêzes, broqueadas, muito lenhosas e impróprias por concorrerem para maior porcentagem de falhas. Os terços médio e inferior das plantas fornecem boas manivas para o plantio, não sendo aconselhável o uso das porções herbáceas, que são mais delicadas, trazem menos reservas nutritivas e são de brotação duvidosa.

A seleção das ramas para o plantio deve ser rigorosa a começar do campo de cultura, e o treinamento de uma turma de operarios para esse fim é recomendável. As plantas doentes devem ser regeitadas, bem como as raquíticas ou muito novas. Na ocasião de enfeixar as ramas no local da conservação, outra seleção se faz, desprezando-se as ramas muito finas, broqueadas, sêcas ou doentes. Finalmente, na ocasião do plantio, ainda se pode fazer mais uma escolha durante o preparo das manivas.

Deve-se empregar manivas com 4 a 5 gemas ou olhos, que são cortadas preferìvelmente com apenas dois golpes de fação, um oposto ao outro. As manivas terão, assim, cêrca de 10 a 15 centímetros de comprimento, e deverão ser plantadas no mesmo dia em que forem preparadas. Se as condições de clima não forem muito propícias, isto é, se houver calor e sêca, as manivas deverão ser maiores, até 20 cm de comprimento e de boa grossura, pois levarão mais reservas e serão capazes de enfrentar melhor um período de estiagem. Mesmo assim, se a sêca e calor perdurarem muito, as falhas ainda poderão ser numerosas. É preferível, então, aguardar a época das chuvas, sempre que possível.

SELECIONE RIGOROSAMENTE A RAMA. ÉSTA É A BASE DA CULTURA.

ÉPOCA DE PLANTIO — Em São Paulo planta-se a mandióca no início das chuvas — em setembro-outubro. O plantio pode, entretanto, efetuar-se até março-abril, ou seja até o fim da estação chuvosa. Deve-se evitar o plantio nos meses de maio a agôsto, por faltarem comumente as chuvas nessa época. O frio sêco, ou seja época de frio sem chuvas, não é tão prejudical à brotação das manivas como o é a época quente e sêca prolongada, pois no primeiro caso, em se tratando de manivas frescas, cheias de vitalidade, elas poderão repousar dentro da terra após o plantio, para brotar quando as condições propícias se oferecerem, mas, no segundo caso, frente ao calor e ausência de chuvas, o número de falhas é quase sempre elevado. Deve-se pois, plantar mandioca em época de calor e chuvas, preferìvelmente.

PLANTE EM ÉPOCA DE CALOR, DURANTE OU NAS PROXIMIDADES DAS CHUVAS

ADUBAÇÃO — À base das experiências de adubação química feitas até o momento pela Seção de Raízes e Tubérculos, sabe-se que a adubação fosfatada aumenta a produção bruta de raízes. Esta prática não é, porém, econômica para quem vende o produto, de vez que o aumento na colheita, apezar de apreciável, não se mostra compensador, à vista do elevado preço dos adubos e do baixo valor comercial das raízes, a não ser no caso de muito bom preço de venda das raízes. A adubação química pode ser econômica para o lavrador industrial que, obtendo boa cotação dos produtos de industria (amido, alcool p. ex.), possa lucrar com o aumento da

produção na lavoura, embora as raízes lhe fiquem um pouco mais caras. Neste caso, pela maior quantidade de matería prima industrializada, o lucro será maior, mesmo trabalhando com raízes de preço mais elevado.

De um modo geral, a adubação mais econômica se faz com a aplicação de farinha de ossos degelatinados, na base de 5Kg por 100 metros de sulco, quando o espaçamento é de 1,20 m entre linhas. Convém frizar também que, para a mandióca, a matéria orgânica no solo tem uma grande significação, influindo sobremaneira no desenvolvimento e na produção das plantas. Tôda fonte de matéria orgânica, quando conseguida econômicamente, poderá ser aplicada com êxito (tortas, farelos, exterco etc.). Tanto o adubo químico como o orgânico, quando aplicados nos sulcos, deverão ser bem misturados com a terra, para evitar o contato direto das manivas com êles.

A ADUBAÇÃO FOSFATADA AUMENTA A PRODUÇÃO DE RAÍZES, E A MATÉRIA ORGÂNICA PRODUZ, TAMBÉM, BONS RESULTADOS.

ESPAÇAMENTO — Plantando-se a variedade "Vassourinha" pelo sistema comum, o espaçamento geralmente usado tem sido, em média, de 1,20 m entre linhas e 0,60 m entre plantas. Experiências ùltimamente realizadas pela Secção de Raízes e Tubérculos, mostraram, entretanto, que o espaçamento poderá ser reduzido e apresentar, assim, um aumento apreciável na produção. À base dos resultados obtidos até o momento pelo sistema comum de plantio, sugerimos o plantio a 0,80 x 0,40 m nas terras pobres e 1,00 x 0,40 m nas boas, quando a variedade for a "Vassourinha".

PLANTIO — Num terreno livre de tocos passa-se o sulcador, em sentido cortando as águas, a uma profundidade de 10 centímetros e colocam-se as manivas horizontalmente no fundo dos sulcos cobrindo as mesmas com terra. A cobertura pode ser feita manualmente, com enxadas, puxando-se a terra de um e de outro lado do sulco, para dentro do mesmo, ou mecânicamente, usando-se para tal, a carpideira ou cultivador "Internacional" do qual se retiram as enxadinhas, deixando-se apenas as duas com formato de aivecas, trazeiras, cuja posição se inverte para que, ao invés de jogar a terra para os lados, atirem-na para dentro. O processo é muito prático, e um homem "cobrindo" as manivas dá conta de dez "plantando". Êsse é o processo comum de plantio, em que se empregam manivas de 10 a 20 cm, postas no fundo dos sulcos, horizontalmente.

Outros sistemas foram estudados pela Seção de Raízes e Tubérculos, tendo-se já observado em experiências que, o plantio de estacas com 60 cm de comprimento, enterradas apenas 10 cm da base, e na posição vertical ou levemente inclinadas, apresentou sôbre o sistema comum as seguintes vantagens : muito poucas falhas, brotação mais rápida, maior desenvolvimento das plantas e, principalmente, um aumento de 50%, em média, na produção. Éste sistema traz o inconveniente de dificultar o arrancamento, em virtude da maior profundidade a que se fornam as raízes, o que nos solos leves não apresentará inconveniente sério.

O plantio com estacas longas deve ser feito com ramas bem escolhidas, maduras, de boa grossura, sadias e com 50 a 60 cm de comprimento. Neste caso, estando a a terra bem preparada, solta, fica dispensado o sulcamento do terreno, pois as estacas serão fincadas pela base, em posição bastante inclinada, enterrando de 10 a 15 cm apenas. A posição muito inclinada evita maiores dificuldades na colheita, pela

FOTO 1 — Em épocas de calor e sêca, o sistema comum de plantio produz muitas falhas (1.º plano); enquanto as estacas longas brotam bem (ao fundo).
MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO — 1943/44.

formação das raízes mais superficialmente do que quando as manivas são verticais ou pouco inclinadas. Uma compressão com o pé sôbre a terra, à base da maniva, contribuirá para maior firmeza da mesma. Uma grande vantagem desse processo de plantio é o fato de apresentar ótimas porcentagens de brotação, mesmo em face do tempo sêco e quente, pois pelo processo comum, as falhas seriam numerosas. Naturalmente, nesse particular, deve-se chamar a atenção especial para que o plantador não inverta a posição das manivas, isto é, para que sejam elas fincadas sempre com a base para baixo, como é lógico. No plantio com estacas longas (1).

AS ESTACAS LONGAS, PLANTADAS BEM INCLINADAS, GARANTEM A BOA PRODUÇÃO.

TRATOS CULTURAIS — Uma vez brotadas as manivas, a sementeira das ervas más precisa ser atacada porque, na primeira idade, a mandioca sofre muito a concorrência do "mato". As carpideiras ou cultivadores, sendo passado entre as linhas, executam boa limpeza e escarificam o solo, contribuindo por isso, para maior retenção das águas das chuvas. O "mato" entre as plantas nas linhas, será carpido com enxada. No caso de plantio com estacas longas, haverá uma grande vantagem durante o primeiro trato cultural, pois as plantas ficam bem à vista dos operários e a salvo de ferimentos com enxadas.

(1) O espaçamenso deve ser de 1,20 m entre linhas e 0,60 m entre plantas.

Após adquirirem as plantas maior desenvolvimento, geralmente a partir do terceiro mês, as máquinas não poderão mais ser usadas, em vista dos danos que poderão causar às raízes já um tanto desenvolvidas. Com a enxada, então, se carpirá o mandiocal até que êste "fechando" as entrelinhas, pelo seu crescimento, abafe as ervas más, reduzindo bastante o seu aparecimento. Quando se planta com estacas longas, o mandiocal cresce com mais vigor e se desenvolve mais ràpidamente, "fechando" as entrelinhas um tanto antecipadamente, podendo-se, com isso, economisar possìvelmente uma capina.

MANTENHA O MANDIOCAL NO LIMPO, ATÉ QUE AS PLANTAS SOMBREEM AS ENTRELINHAS

PODA — A poda das culturas destinadas a ser colhidas com dois ciclos vegetativos é, geralmente, feita em junho, durante o período de repouso das plantas, e consiste no corte das hastes cêrca de 10 cm do chão. Só é aconselhável esta operação nos seguintes casos : 1°) pela necessidade de aumentar a área cultivada quando não se dispõe de outras manivas ; 2°) para proteger as ramas contra as geadas ; 3°) para fornecer ao gado a rama esfarelada, como forragem, no caso da escassês de outra no inverno ; 4°) quando em ataques intensos de brocas da ramas, estas se tornem estragadas. Nêste caso, o material deve ser queimado. Fóra de tais circunstâncias, a poda é prejudical. Diminue a produção bruta de raízes e concorre para o alastramento da Bacteriose.

A PODA, EM CONDIÇÕES NORMAIS, DIMINUE A PRODUÇAO DA CULTURA DE DOIS CICLOS VEGETATIVOS

MOLÉSTIAS — Entre as moléstias que atacam a mandioca, a Bacteriose e o Superbrotamento são, no momento, as mais graves para a Estado de São Paulo. A primeira ocorre desde há muitos anos generalizada em todo o território estadoal, e a outra, de aparecimento relativamente recente, foi constatada em algums municípios da zona da estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e se tem alastrado para outras regiões do Estado.

Bacteriose — Esta moléstia, também chamada murcha bacteriana ou "água quente", é causada por bactérias e se caracterisa, principalmente, pelo seguinte : as fôlhas murcham tôdas ou em parte, e podem apresentar, antes de murcharem, um sintôma de sêca ou queima nos folíolos, que se tornam, então, quebradiços. Nas porções herbáceas das ramas, observam-se pequenas secreções de latex ou leite, formando pelotinhas amarelas que, mais tarde, se escurecem e tomam a consistência de cêra. Elas aparecem pelo rompimento da casca, em pequenas fendas longitudinais. Ao se levantar a casca naqueles pontos, por meio de um canivete, notam-se, no lenho, umas estrias escuras no sentido do comprimento da rama.

Nos casos graves, em plantas novas, estas acabam morrendo (secam). Em plantas adultas, elas começam a perder as fôlhas e, muitas vêzes, secam também as suas ramas, de cima para baixo. Quando o ataque fôr benigno, em condições não muito favoráveis à doença, as plantas reagem e ainda podem produzir bem.

Essa doença se transmite pela maniva proveniente de plantas afetadas. Apenas algumas plantas doentes n'uma cultura, podem difundir a murcha nas demais, bastando, para isso condições favoráveis.

A SELEÇÃO DA RAMA É A MELHOR MEDIDA DE CONTRÔLE DA BACTERIOSE.

Medidas de contrôle : 1º) plantar em terra de boa fertilidade ; 2º) usar manivas isentas da moléstia, rigorosamente escolhidas ; 3º) arrancar e queimar as plantas que mostrarem os sintômas, quando ainda novas ; 4º) evitar a poda sempre que possível e 5º) dispensar bons tratos culturais, mantendo a lavoura no limpo. Dessas medidas, as mais importantes são a "seleção da rama" rigorosa e criteriosamente feita antes do plantio, e o arrancamento das plantas doentes que surgirem na cultura ainda nova. Isto, naturalmente, considerando-se a suscetibilidade da planta à doença, embora a melhor de tôdas as medidas fosse o plantio de variedades de boa resistência. Mas, ainda mesmo com tais variedades, aconselham-se êsses meios de contrôle, de vez que variedades imunes ainda não se conhecem.

Superbrotamento — Esta doença, também chamada "Envassouramento", ocorre, atualmente, nos municípios de Cafelândia, Lins, Promissão, Avanhandava, Penápolis, Araçatuba, Glicério e São Carlos, nêste Estado. A zona da Noroeste, foi, em vista desse fato, interditada por um decreto do Govêrno Federal. A doença consiste no aparecimento de um número anormal de brotos, quer nas manivas que começam a brotar na terra, quer nas plantas adultas. No primeiro caso, a brotação excessiva definha as plantas novas, impedindo que elas cresçam normalmente e que produzam raízes boas ; no segundo caso, as plantas já crescidas, uma vez contaminadas, sofrem um exgotamento nas suas raízes para dar lugar ao excesso de brotação. Como conseqüência disso, as raízes se tornam aguádas e pobres de amido, não sendo vantajoso o seu aproveitamento industrial.

Sendo uma doença causada por "virus", contagiosa, e de conseqüências as mais graves para essa cultura, ela pode ser considerada como a mais séria moléstia da mandioca nêste Estado. O único meio de enfrentá-la é com variedades de boa resistência. E a Secção de Raízes e Tuberculos vem também estudando esta doença sob o seu aspecto agronômico, observando o comportamento de diferentes tipos, em face da mesma, em condições naturais, em zona afetada. Medidas de contrôle : 1º) não importar manivas das zonas afetadas ; 2º) arrancar e queimar qualquer planta suspeita e 3º) empregar no plantio ramas oriundas de lavouras em bom estado sanitário.

PRAGAS — As principais pragas da mandioca, entre nós, são os mandarovás e as brocas das ramas.

Mandarová — Esta praga é uma lagarta da borboleta chamada Erinnyis ello L. a qual tem causado muitos estragos nas lavouras de mandioca, devorando as fôlhas e pequenas porções das pontas herbáceas das ramas. Pode aparecer por mais de uma vez, de outubro a março, reduzindo, quase sempre, as plantas a "varas".

Combate — Deve-se estar atento e vigilante na lavoura, para combater a praga no seu início, por meio de pulverizações nas fôlhas à base de 500 gr de arseniato de chumbo em pó para cada 100 litros de água. Com o combate à primeira geração da lagarta, o lavrador muito economizará em trabalho e inseticida, além de evitar, pelo alastramento da praga, que fique a sua produção de raízes e

fécula sèriamente prejudicada : Quando o ataque fôr surpreendido numa fase adeantada de desenvolvimento das lagartas, pode-se dar cabo das mesmas, pondo uma turma de homens a cortá-las ao meio, com o auxilio de tesouras feitas com fitas de aço. Quando o seu aparecimento é isolado em determinada mancha, faz-se uma valeta no chão, com 30 cm de boca por outros tantos de profundidade, contornando a parte atacada ; nessa valeta caem e ficam presos os mandarovás, dado o o hábito que têm as lagartas de descer ao chão e caminhar em busca de outras plantas. No percurso da valeta se constroe um buraco, para que no mesmo caiam as lagartas, onde serão destruidas. Após o ataque dessa praga, a mandioca emite novas brotações à custa das reservas acumuladas nas raízes e, como resultado, estas se tornam aguadas e pobres de amido.

ESTEJA ATENTO PARA COMBATER O MANDAROVÁ NO MOMENTO OPORTUNO

Brocas — As brocas (coleobrocas) das ramas são larvas de bezouros que determinam muitas vêzes, sérios prejuisos na lavoura. Não só estragam as manivas, perfurando-as e inutilizando-as para o plantio, (de vez que estas, nêste caso, fàcilmente secam) como também porque diminuem a produção de raízes ; estas, por sua vez, se depreciam, ficando aguadas e pobres de amido, pois para a recomposição da parte vegetativa inutilizada, as plantas recorrem às reservas das suas raízes.

Medidas de contrôle — 1°) não usar, para o plantio, as ramas de cultura atacada; 2°) queimar a rama da plantação que sofreu intenso ataque ; 3°) fazer a rotação da cultura com plantas de família diferente da mandioca, como sejam : o milho, o algodão, a cana, o feijão etc..

QUEIME AS RAMAS MUITO BROQUEADAS E AS SOBRAS DESPREZADAS.

COLHEITA — A colheita é realizada geralmente de maio a agôsto, durante o período de repouso das plantas, isto é, na época em que elas, durante o período de repouso das plantas, isto é, na época em que elas apresentam o máximo de substâncias de reservas nas raízes. Para fins culinários, para o consumo caseiro, a mandioca é colhida com 8 a 12 meses, pois no segundo ciclo vegetativo as raízes já se mostram fibrosas e não são muito boas para êsse fim, cozinham mal, etc..

O estado de maturação das plantas coincide com a queda das fôlhas e a seca, em parte, das pontas das ramas, fato êsse que concorda com nosso clima, relativamente sêco e frio durante aquele período, de maio a agôsto. Quando mais para fóra dos limites citados da época de colheita, mais tendem as raízes a se apresentarem aguádas e, por conseguinte, com menor teor em amido e com menor valor. Nas grandes lavouras, dada a necessidade de se industrializar o produto de área muito extensa, o tempo da colheita se extende da segunda quinzena de março a fins de setembro, ou durante um período mais dilatado ainda, se necessário.

O mandiocal poderá ser colhido com um ou dois ciclos vegetativos, isto é, com 9 a 12 ou com 16 a 20 meses de idade. Nas culturas industriais, as condições financeiras do lavrador é que irão decidir sôbre a escôlha da idade para a colheita, mas a plantação de ano e meio (dois ciclos vegetativos) em igualdade de condições, produz muito mais do que a de um ciclo sòmente.

Para as grandes culturas destinadas à exploração industrial, é aconselhável manter sempre plantada uma área igual ao dobro da que se deseja aproveitar anualmente. Assim, para quem precisa consumir o produto de 200 alqueires anualmente, convém ter 400 alqueires em cultivo, a saber : 200 para colhêr com 2 ciclos vegetativos e 200 plantados no ano anterior, com um ciclo vegetativo que serão aproveitados no ano seguinte. Nessas condições, tôdos os anos são plantados 200 e são colhidos outros tantos alqueires.

O arrancamento é feito a mão, puxando-se a planta pela haste para cima, aos poucos, ou com auxílio de enxadas, nos terrenos arenosos, soltos, O enxadão e mesmo picaretas são usados quando a terra é compacta. As raízes são, em seguida, destacadas da "cepa", procurando-se, para tal, quebrá-la rente à sua base, visando-se o aproveitando máximo. Certas variedades, apresentando raízes pedunduladas e lenhosas na região de inserção das mesmas ; dão mais trabalho nessa operação. As raízes amontoadas no campo, de distâncias em distâncias, são recolhidas pelos veículos transportadores das memas. (carros, carroças e caminhões).

As raízes não devem tomar muito sól após a colheita, porque a película não sairá tão bem nas máquinas lavadoras-descascadoras ; precisam ser industrializadas dentro do mais curto prazo de tempo possível porque se estragam com facilidade depois de 24 horas de arrancadas.

No caso de se desejar conservar pequena quantidade de raízes no quintal ou horta, para ser o produto consumido aos poucos durante dias, pode-se conseguir que as raízes durem mais tempo, enterrando-se-ás de modo a ficarem com uma

FOTO 2 — As terras férteis, leves, dão as maiores produções. Em São Paulo, isto acontece, por exemplo, na Alta Paulista.

MUNICÍPIO DE MARÍLIA — 1941

camada de terra no mínimo de 20 cm de espessura por cima. Pelo menos por 10 dias elas ficam boas para o consumo.

PARA FINS INDUSTRIAIS, COLHA O MANDIOCAL COM 2 CICLOS VEGETATIVOS

PRODUÇÃO — A produção de raízes por alqueire (24.200 m²) vária de acôrdo com a variedade cultivada, a fertilidade do terreno, o sistema de cultura, idade das plantas, tratos culturais e, naturalmente, com o número de plantas brotadas ou vingadas, pois não raro, há numerosas falhas na lavoura, e muitas vêzes as plantas não completam o seu ciclo, em virtude da incidência de moléstias ou pragas.

Nas terras pobres as produções são baixas — de 15 a 20 Ton de raízes por alqueire — sendo, nas férteis até de 80 e mais. De um modo geral, as baixas produções são obtidas nas zonas velhas, em terras já exgotadas, lavadas, pobres em matéria orgânica e ácidas ; as melhores colheitas se obtêm nas terras novas, principalmente de recente derrubada. Produções de 30 a 40 Ton por alqueire, com um ciclo, e 50 a 60 Ton com dois ciclos vegetativos, são econômicas nas explorações comerciais.

SIGA AS BOAS NORMAS DA CULTURA PARA OBTER UMA BOA PRODUÇÃO.

CONSERVAÇÃO DAS RAMAS — Após a colheita, comumente as ramas são cortadas de modo a serem empilhadas horizontalmente, à sombra de árvores ou em campo aberto, e cobertas com capim ou colmos de milho. Assim aguardam a nova época de plantio. Mas o melhor meio de conservá-las, principalmente se por alguns meses, é colocá-las de pé, isto é, com a base fincada cêrca de 4 cm na terra préviamente afofada, e cobrí-las com capins sêcos ou colmos de milho. Uma pulverização das ramas com calda bordaleza a 1/4%, preservá-las-á do ataque de fungos causadores de podridões e da seca das manivas. O melhor local para a conservação é, quando possível, o interior de um mato, com árvores altas, onde o ambiente se mantem fresco ; aí fincadas, de pé, serão bem conservadas por vários mêses. Brotarão durante êsse tempo uma ou duas das últimas gemas apicais, e se formará, na base enterrada, uma "cabeleira" de raízes finas.

ROTAÇÃO DE CULTURAS — A rotação de cultura é aconselhável, por exemplo com o milho e o algodão. Plantando-se a mandioca em seguida à cultura do algodoeiro, ela aproveitará a parte do adubo não utilizada por essa planta. Esta prática é boa, principalmente se considerarmos o fato de que a adubação fosfatada é a mais empregada para o algodoeiro, e a mais indicada para a mandioca. A inclusão de uma leguminosa no plano de rotação, para servir como adubo verde (mucuna, feijão de porco, crotalária, etc.) beneficiará o terreno, pela incorporação que faz da matéria orgânica azotada.

Quando a mandioca fôr plantada em terreno onde se haja cultivado milho, os restos da cultura deste cereal deverão ser enterrados, afim-de, pela sua decomposição, fornecerem húmus à terra.

Estatísticas

Exportação Brasileira de Café

I — Detalhe pelos países do destino

FEVEREIRO DE 1946

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:			
Estados Unidos	657 183	236 857 739,90	3 180 046
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	33 395	8 519 512,90	117 714
Paraguai	100	28 600,00	384
Uruguai	3 200	867 793,10	11 742
ÁSIA:			
China	854	339 196,20	4 559
EUROPA:			
Andorra	166	66 582,70	895
Belgo Luxemburguesa, U.E.	67 500	24 381 361,40	327 861
Dinamarca	2	729,80	10
Espanha	837	244 822,40	3 438
Islândia	1 200	371 205,00	5 019
Noruega	5 010	1 927 819,50	25 914
Suécia	83 338	32 305 727,30	432 888
Suíça	1 500	505 785,80	6 798
Tchecoslováquia	18 685	4 879 387,00	65 588
Total	872 970	311 296 263,00	4 182 856

Exportação Brasileira de Café

II — Detalhe pelos portos de destino — FEVEREIRO DE 1946

PORTOS DE DESTINO	QUANTIDADE (Saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:			
Estados Unidos:			
Baltimore	1 000	385 396,70	5 164
Boston	18 585	6 933 414,60	92 961
Filadélfia	4 695	1 483 802,10	19 910
Houston	20 513	7 638 240,30	102 515
Jacksonville	14 000	5 315 080,90	71 438
Los Angeles	58 485	21 645 940,50	290 390
Nova York	278 226	100 860 751,90	1 354 093
Nova Orleães	146 880	49 445 930,40	664 750
Portland	11 207	4 214 998,50	56 556
São Francisco	86 614	32 489 889,60	435 810
Seattle	15 015	5 678 246,90	76 161
Tacoma	2 033	766 047,50	10 298
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina:			
Bahia Blanca	200	58 286,60	783
Buenos Aires	31 895	8 092 744,70	111 963
Rosário	1 300	368 481,60	4 968
Paraguai:			
Assunção	100	28 600,00	384
Uruguai:			
Montevidéu	3 200	867 793,10	11 742
ÁSIA:			
China:			
Changai	854	339 196,20	4 559
EUROPA:			
Andorra:			
Via Barcelona	166	66 582,70	895
Belgo Luxemburguesa, U. E.:			
Antuérpia	67 500	24 381 361,40	327 861
Dinamarca:			
Copenhague	2	729,80	10
Espanha:			
Bilbáu	835	244 239,80	3 430
Barcelona	2	582,60	8
Islândia:			
Reykjavik	1 200	371 205,00	5 019
Noruega:			
Oslo	5 010	1 927 819,50	25 914
Suécia:			
Estocolmo	61 870	23 803 629,10	318 727
Gotemburgo	14 135	5 591 611,00	75 113
Helsingborg	4 014	1 622 663,60	21 777
Malmo	3 319	1 287 823,60	17 271
Suíça:			
Via Roterdão	1 500	505 785,80	6 798
Tchecoslováquia:			
Via Bremerhaven	18 685	4 879 387,00	65 588
Total	**872 970**	**311 296 263,00**	**4 182 856**

Exportação Brasileira de Café

III — Detalhe pelos portos de procedência

FEVEREIRO DE 1946

PAÍSES DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:				
Estados Unidos	Santos	527 527	194 578 090,60	2 612 710
	Rio de Janeiro	69 459	23 323 110,20	312 885
	Vitória	20 800	4 748 833,20	63 889
	Angra dos Reis	16 350	6 216 317,20	82 779
	Paranaguá	15 012	5 412 599,50	72 993
	Bahia	1 000	379 333,80	5 103
	Recife	7 035	2 199 455,40	29 687
AMÉRICA DO SUL:				
Argentina	Santos	3 000	970 328,00	13 044
	Rio de Janeiro	17 176	4 421 166,00	62 553
	Vitória	11 750	2 591 540,10	34 889
	Paranaguá	1 469	536 478,80	7 228
Paraguai	Rio de Janeiro	100	28 600,00	384
Uruguai	Santos	200	71 360,20	964
	Rio de Janeiro	2 300	643 995,60	8 703
	Vitória	700	152 437,30	2 075
ÁSIA:				
China	Santos	854	339 196,20	4 559
EUROPA:				
Andorra	Santos	166	66 582,70	895
Belgo Lux., U.E.	Santos	52 500	19 933 385,90	268 010
	Rio de Janeiro	15 000	4 447 975,50	59 851
Dinamarca	Santos	2	729,80	10
Espanha	Rio de Janeiro	837	244 822,40	3 438
Islândia	Rio de Janeiro	1 200	371 205,00	5 019
Noruega	Santos	5 010	1 927 819,50	25 914
Suécia	Santos	79 213	30 800 365,40	412 715
	Rio de Janeiro	3 375	1 198 002,90	16 041
	Bahia	750	307 359,00	4 132
Suíça	Santos	1 500	505 785,80	6 798
Tchecoslováquia	Santos	18 685	4 879 387,00	65 588
Total		872 970	311 296 263,00	4 182 856

Exportação Brasileira de Café

IV — Detalhe do volume pelos portos de destino, segundo os de procedência

FEVEREIRO DE 1946

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE:								
Estados Unidos:								
Baltimore	1 000	—	—	—	—	—	—	1 000
Boston	18 585	—	—	—	—	—	—	18 585
Filadélfia	1 000	3 625	—	—	—	—	—	4 625
Houston	19 585	928	—	—	—	—	—	20 513
Jacksonville	14 000	—	—	—	—	—	—	14 000
Los Angeles	53 435	2 05	—	3 000	—	—	—	58 485
Nova York	231 296	35 895	3 000	—	—	1 000	7 035	278 226
Nova Orleães	96 848	17 220	17 800	—	15 012	—	—	146 880
Portland	8 707	1 000	—	1 500	—	—	—	11 207
São Francisco	67 573	8 191	—	10 850	—	—	—	86 614
Seattle	13 465	550	—	1 000	—	—	—	15 015
Tacoma	2 033	—	—	—	—	—	—	2 033
AMÉRICA DO SUL:								
Argentina:								
Bahia Blanca	—	200	—	—	—	—	—	200
Buenos Aires	3 000	15 676	11 750	—	1 469	—	—	31 895
Rosário	—	1 300	—	—	—	—	—	1 300
Paraguai:								
Assunção	—	100	—	—	—	—	—	100
Uruguai:								
Montevidéu	200	2 300	700	—	—	—	—	3 200
ÁSIA:								
China:								
Changai	854	—	—	—	—	—	—	854
EUROPA:								
Andorra:								
Via Barcelona	166	—	—	—	—	—	—	166
Belgo Luxemb., U.E.:								
Antuérpia	52 500	15 000	—	—	—	—	—	67 500
Dinamarca:								
Copenhague	2	—	—	—	—	—	—	2
Espanha:								
Barcelona	—	2	—	—	—	—	—	2
Bilbáu	—	835	—	—	—	—	—	835
Islândia:								
Reykjavick	—	1 200	—	—	—	—	—	1 200
Noruega:								
Oslo	5 010	—	—	—	—	—	—	5 010
Suécia:								
Estocolmo	59 695	1 875	—	—	—	300	—	61 870
Gotemburgo	12 335	1 500	—	—	—	300	—	14 135
Helsingborg	4 014	—	—	—	—	—	—	4 014
Malmo	3 169	—	—	—	—	150	—	3 319
Suíça:								
Via Roterdão	1 500	—	—	—	—	—	—	1 500
Tchecoslováquia:								
Via Bremerhaven	18 685	—	—	—	—	—	—	18 685
Total	**688 657**	**109 447**	**33 250**	**16 350**	**16 481**	**1 750**	**7 035**	**872 970**

Exportação Bra

V — Detalhe do valor, em cruzeiros, pelos portos

FEVEREIRO

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE		
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA
AMÉRICA DO NORTE:			
ESTADOS UNIDOS:			
Baltimore	385 396,70	—	—
Boston	6 933 414,60	—	—
Filadélfia	378 322,10	1 105 480,00	—
Houston	7 378 387,10	259 853,20	—
Jacksonville	5 315 080,90	—	—
Los Angeles	19 726 161,50	791 188,60	—
Nova York	85 732 163,20	11 870 755,20	679 044,30
Nova Orleães	34 379 599,90	5 583 942,10	4 069 788,90
Portland	3 247 665,80	394 574,90	—
São Francisco	25 243 039,60	3 111 053,70	—
Seattle	5 092 811,70	206 262,50	—
Tacoma	766 047,50	—	—
AMÉRICA DO SUL:			
ARGENTINA:			
Bahia Blanca	—	58 286,60	—
Buenos Aires	970 328,00	3 994 397,80	2 591 540,10
Rosário	—	368 481,60	—
PARAGUAI:			
Assunção	—	28 600,00	—
URUGUAI:			
Montevidéu	71 360,20	643 995,60	152 437,30
ÁSIA:			
CHINA:			
Changai	339 196,20	—	—
EUROPA:			
ANDORRA:			
Via Barcelona	66 582,70	—	—
BELGO LUXEMBURGUESA, U.E.:			
Antuérpia	19 933 385.90	4 447 975,50	—
DINAMARCA:			
Copenhague	729,80	—	—
ESPANHA:			
Barcelona	—	582,60	—
Bilbáu	—	244 239,80	—
ISLÂNDIA:			
Reykjavick	—	371 205,00	—
NORUEGA:			
Oslo	1 927 819,50	—	—
SUÉCIA:			
Estocolmo	23 025 946,60	654 738,90	—
Gotemburgo	4 925 403,40	543 264,00	—
Helsingborg	1 622 663,60	—	—
Malmo	1 226 351,80	—	—
SUÍÇA:			
Via Roterdão	505 785,80	—	—
TCHECOSLOVÁQUIA:			
Via Bremerhaven	4 879 387,00	—	—
Total	254 073 031,10	34 678 877,60	7 492 810,60

sileira de Café

do destino, segundo os de procedência

DE 1946

PROCEDÊNCIA

ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
—	—	—	—	385 396,70
—	—	—	—	6 933 414,60
—	—	—	—	1 483 802,10
—	—	—	—	7 [illegible] [illegible]40,[illegible]
—	—	—	—	5 315 080,90
1 128 590,40	—	—	—	21 645 940,50
—	—	379 333,80	2 199 455,40	100 860 751,90
—	5 412 599,50	—	—	49 445 930,40
572 757,80	—	—	—	4 214 998,50
4 135 796,30	—	—	—	32 489 889,60
379 172,70	—	—	—	5 678 246,90
—	—	—	—	766 047,50
—	—	—	—	58 286,60
—	536 478,80	—	—	8 092 744,70
—	—	—	—	368 481,60
—	—	—	—	28 600,00
—	—	—	—	867 793,10
—	—	—	—	339 196.20
—	—	—	—	66 582,70
—	—	—	—	24 381 361.40
—	—	—	—	729,80
—	—	—	—	582,60
—	—	—	—	244 239.80
—	—	—	—	371 205,00
—	—	—	—	1 927 819,50
—	—	122 943,60	—	23 803 629,10
—	—	122 943,60	—	5 591 611,00
—	—	—	—	1 622 663,60
—	—	61 471,80	—	1 287 823,60
—	—	—	—	505 785,80
—	—	—	—	4 879 387,00
6 216 317,20	5 949 078,30	686 692,80	2 199 455,40	311 296 263,00

Exportação Brasileira de Café

VI — Detalhe do valor, em libras, pelos portos do destino, segundo os de procedência

FEVEREIRO DE 1946

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE:								
ESTADOS UNIDOS:								
Baltimore	5 164	—	—	—	—	—	—	5 164
Boston	92 961	—	—	—	—	—	—	92 961
Filadélfia	5 096	14 824	—	—	—	—	—	19 910
Houston	98 994	3 521	—	—	—	—	—	102 515
Jacksonville	71 438	—	—	—	—	—	—	71 438
Los Angeles	264 718	10 577	—	15 095	—	—	—	290 390
Nova York	1 151 221	158 952	9 130	—	—	5 103	29 687	1 354 093
Nova Orleães	461 786	75 212	54 759	—	72 993	—	—	664 750
Portland	43 661	5 290	—	7 605	—	—	—	56 556
São Francisco	339 035	41 766	—	55 009	—	—	—	435 810
Seattle	68 348	2 743	—	5 070	—	—	—	76 161
Tacoma	10 298	—	—	—	—	—	—	10 298
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Bahia Blanca	—	783	—	—	—	—	—	783
Buenos Aires	13 044	56 802	34 889	—	7 228	—	—	111 963
Rosário	—	4 968	—	—	—	—	—	4 968
PARAGUAI:								
Assunção	—	384	—	—	—	—	—	384
URUGUAI:								
Montevidéu	964	8 703	2 075	—	—	—	—	11 742
ÁSIA:								
CHINA:								
Changai	4 559	—	—	—	—	—	—	4 559
EUROPA:								
ANDORRA:								
Via Barcelona	895	—	—	—	—	—	—	895
BELGO LUXEMB., U.E.:								
Antuérpia	268 010	59 851	—	—	—	—	—	327 861
DINAMARCA:								
Copenhague	10	—	—	—	—	—	—	10
ESPANHA:								
Barcelona	—	8	—	—	—	—	—	8
Bilbau	—	3 430	—	—	—	—	—	3 430
ISLÂNDIA:								
Reykjavick	—	5 019	—	—	—	—	—	5 019
NORUÉGA:								
Oslo	25 914	—	—	—	—	—	—	25 914
SUÉCIA:								
Estocolmo	308 298	8 776	—	—	—	1 653	—	318 727
Gotemburgo	66 195	7 265	—	—	—	1 653	—	75 113
Helsingborg	21 777	—	—	—	—	—	—	21 777
Malmo	16 445	—	—	—	—	826	—	17 271
SUÍÇA:								
Via Roterdão	6 798	—	—	—	—	—	—	6 798
TCHECOSLOVÁQUIA:								
Via Bremerhaven	65 588	—	—	—	—	—	—	65 588
Total	3 411 207	468 874	100 853	82 779	80 221	9 235	29 687	4 182 856

Exportação Brasileira de Café

VII — Discriminação do destino, por continente, segundo a procedência

FEVEREIRO DE 1946

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
América do Norte	Santos	527 527	194 578 090,60	2 612 710
	Rio de Janeiro	69 459	23 323 110,20	312 885
	Vitória	20 800	4 748 833,20	63 889
	Angra dos Reis	16 350	6 216 317,20	82 779
	Paranaguá	15 012	5 412 599,50	72 993
	Bahia	1 000	379 333,80	5 103
	Recife	7 035	2 199 455,40	29 687
América do Sul	Santos	3 200	1 041 688,20	14 008
	Rio de Janeiro	19 576	5 093 761,60	71 640
	Vitória	12 450	2 743 977,40	36 964
	Paranaguá	1 469	536 478,80	7 228
Ásia	Santos	854	339 196,20	4 559
Europa	Santos	157 076	58 114 056,10	779 930
	Rio de Janeiro	20 412	6 262 005,80	84 349
	Bahia	750	307 359,00	4 132
Total		**872 970**	**311 296 263,00**	**4 182 856**

Exportação Brasileira de Café

VIII — Detalhe pelos países de destino

JANEIRO A FEVEREIRO DE 1946

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA CENTRAL:			
Cuba	40 000	9 793 305,00	131 394
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	3 100	1 204 992,70	16 168
Estados Unidos	1 572 082	563 198 661,50	7 563 666
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	58 688	15 792 441,60	215 588
Bolívia	18	5 620,00	75
Chile	20 650	6 107 402,90	90 609
Guiana Francesa	200	58 011,70	780
Paraguai	1 050	288 754,40	3 881
Uruguai	5 050	1 421 438,00	19 206
ÁSIA:			
China	1 854	693 762,60	9 323
EUROPA:			
Andorra	166	66 582,70	895
Belgo Luxemburguesa, U.E.	67 500	24 381 361,40	327 861
Dinamarca	61 753	22 782 671,50	306 233
Espanha	837	244 822,40	3 438
Finlândia	39 675	10 853 634,70	145 898
Grã-Bretanha	32 800	10 478 801,50	141 355
Islândia	2 650	822 669,10	11 117
Itália	180	44 152,00	594
Noruéga	5 014	1 929 412,10	25 935
Portugal	3 200	961 120,00	12 919
Suécia	91 619	35 529 908,40	476 097
Suíça	1 500	505 785,80	6 798
Tchecoslováquia	18 685	4 879 387,00	65 588
União Soviética	5 000	1 736 821,40	23 337
Total	**2 033 271**	**713 781 520,40**	**9 598 755**

Exportação Brasileira de Café

IX — Detalhe pelos países do destino

JANEIRO A FEVEREIRO DE 1946

PAÍSES DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (Saca de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA CENTRAL:				
Cuba	Vitória	40 000	9 793 305,00	131 394
AMÉRICA DO NORTE:				
Canadá	Santos	3 100	1 204 992,70	16 168
Estados Unidos	Santos	1 219 973	451 131 589,60	6 059 670
	Rio de Janeiro	211 520	71 037 592,90	952 919
	Vitória	79 692	19 054 092,70	256 528
	Angra dos Reis	31 150	11 831 487,80	157 822
	Paranaguá	15 012	5 412 599,50	72 993
	Bahia	1 700	567 327,60	7 632
	Recife	13 035	4 163 971,40	56 102
AMÉRICA DO SUL:				
Argentina	Santos	9 366	3 251 401,70	43 713
	Rio de Janeiro	29 069	7 553 473,00	104 667
	Vitória	15 934	3 585 211,90	48 259
	Paranaguá	3 319	1 091 333,70	14 762
	Bahia	1 000	311 021,30	4 187
Bolívia	Corumbá	18	5 620,00	75
Chile	Santos	2 400	804 550,00	23 400
	Rio de Janeiro	18 250	5 302 852,90	67 209
Guiana Francesa	Belém	200	58 011,70	780
Paraguai	Rio de Janeiro	1 050	288 754,40	3 881
Uruguai	Santos	600	218 879,20	2 949
	Rio de Janeiro	3 750	1 050 121,50	14 182
	Vitória	700	152 437,30	2 075
Á S I A:				
China	Santos	1 854	693 762,60	9 323
EUROPA:				
Andorra	Santos	166	66 582,70	895
Belgo Luxemburguesa, U. E.	Santos	52 500	19 933 385,90	268 010
	Rio de Janeiro	15 000	4 447 975,50	59 851
Dinamarca	Santos	61 753	22 782 671,50	306 233
Espanha	Rio de Janeiro	837	244 822,40	3 438
Finlândia	Rio de Janeiro	39 675	10 853 634,70	145 898
Grã-Bretanha	Santos	32 800	10 478 801,50	141 355
Islândia	Rio de Janeiro	2 650	822 669,10	11 117
Itália	Rio de Janeiro	180	44 152,00	594
Noruéga	Santos	5 014	1 929 412,10	25 935
Portugal	Rio de Janeiro	3 200	961 120,00	12 919
Suécia	Santos	84 744	33 017 914,50	442 494
	Rio de Janeiro	3 875	1 381 026,90	18 483
	Angra dos Reis	2 250	823 608,00	10 988
	Bahia	750	307 359,00	4 132
Suíça	Santos	1 500	505 785,80	6 798
Tchecoslováquia	Santos	18 685	4 879 387,00	65 588
União Soviética	Santos	5 000	1 736 821,40	23 337
Total		**2 033 271**	**713 781 520,40**	**9 598 755**

Exportação Brasileira de Café

X — Detalhe do destino por continente, segundo a procedência

JANEIRO A FEVEREIRO DE 1946

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA CENTRAL	Vitória	40 000	9 793 305,00	131 394
AMÉRICA DO NORTE	Santos	1 223 073	452 336 582,30	6 075 838
	Rio de Janeiro	211 520	71 037 592,90	952 919
	Vitória	79 692	19 054 092,70	256 528
	Angra dos Reis	31 150	11 831 487,80	157 822
	Paranaguá	15 012	5 412 599,50	72 993
	Bahia	1 700	567 327,60	7 632
	Recife	13 035	4 163 971,40	56 102
AMÉRICA DO SUL	Santos	12 366	4 274 830,90	70 062
	Rio de Janeiro	52 119	14 195 201,80	189 939
	Vitória	16 634	3 737 649,20	50 334
	Paranaguá	3 319	1 091 333,70	14 762
	Bahia	1 000	311 021,30	4 187
	Belém	200	58 011,70	780
	Corumbá	18	5 620,00	75
ÁSIA	Santos	1 854	693 762,60	9 323
EUROPA	Santos	262 162	95 330 762,40	1 280 645
	Rio de Janeiro	65 417	18 755 400,60	252 300
	Angra dos Reis	2 250	823 608,00	10 988
	Bahia	750	307 359,00	4 132
Total		2 033 271	713 781 520,40	9 598 755

Exportação Brasileira de Café

XI — Janeiro a Fevereiro de 1946 em comparação com igual período de 1945

I — DETALHE MENSAL

MESES	1945		1946		DIFERENÇA PARA (+ ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALO EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Janeiro	1 107 576	317 958 233,30	1 160 301	402 485 257,40	+ 52 725	+ 84 527 024,10
Fevereiro	918 060	245 055 318,80	872 970	311 296 263,00	— 45 090	— 66 240 944,20
2 Meses	2 025 636	563 013 552,10	2 033 271	713 781 520,40	+ 7 635	+ 150 767 968,30
Março	937 571	259 903 512,10	—	—	—	—
Abril	843 587	232 685 415,90	—	—	—	—
Maio	594 172	170 151 681,00	—	—	—	—
Junho	1 415 252	403 048 904,90	—	—	—	—
Julho	1 638 967	481 142 904,40	—	—	—	—
Agôsto	1 600 269	473 357 868,50	—	—	—	—
Setembro	1 511 162	461 578 351,90	—	—	—	—
Outubro	1 068 368	320 555 832,60	—	—	—	—
Novembro	1 050 995	352 210 967,60	—	—	—	—
Dezembro	1 486 073	523 159 183,90	—	—	—	—
Ano	14 172 052	4 240 808 174,90	—	—	—	—

II — PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1945		1946		DIFERENÇA PARA (+ ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Santos	1 451 780	429 104 323,90	1 499 455	552 635 938,20	+ 47 675	+ 123 531 614,30
Rio de Janeiro	295 983	77 059 671,30	329 056	103 988 195,30	+ 33 073	+ 26 928 524,00
Vitória	202 725	37 223 964,00	136 326	32 585 046,90	— 66 399	— 4 638 917,10
Angra dos Reis	—	—	33 400	12 655 095,80	+ 33 400	+ 12 655 095,80
Paranaguá	460	121 054,60	18 331	6 503 933,20	+ 17 871	+ 6 382 878,60
Bahia	42 120	10 376 932,40	3 450	1 185 707,90	— 38 670	— 9 191 224,50
Recife	32 538	9 123 105,90	13 035	4 163 971,40	— 19 503	— 4 959 134,50
Belém	30	4 500,00	200	58 011,70	+ 170	+ 53 511,70
Corumbá	—	—	18	5 620,00	+ 18	+ 5 620,00
Total	2 025 636	563 013 552,10	2 033 271	713 781 520,40	+ 7 635	+ 150 767 968,30

Movimento da Safra 1942/43

Destino Santos

(ATÉ 31 DE MARÇO DE 1946)

Sacas de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	DESTINOS ALTERADOS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
Dirétas	3 873 031	185	—	3 873 216	3 867 348	5 858	10
10-R-42	91 701	—	8 508	100 209	100 209	—	—
9-R-42	1 254 998	—	32 172	1 287 170	1 287 170	—	—
8-R-42	506 475	—	6 326	512 801	512 601	—	200
7-R-42	323 366	—	3 488	326 854	325 875	—	979
6-R-42	207 130	—	3 996	211 126	211 126	—	—
5-R-42	143 847	—	1 153	145 000	144 800	200	—
4-R-42	131 131	—	1 108	132 239	128 518	3 721	—
3-R-42	154 337	—	1 835	156 172	155 412	760	—
2-R-42	95 555	—	1 205	96 760	96 760	—	—
1-R-42	105 216	—	916	106 132	106 132	—	—
2A-R-42	21 210	—	288	21 498	21 498	—	—
1A-R-42	63 448	148	2 164	65 760	65 760	—	—
Total	3 098 414	148	63 159	3 161 721	3 155 861	4 681	1 179
Pr. Despolp.	39 519	—	—	39 519	39 519	—	—
Total Geral	7 010 964	333	63 159	7 074 456	7 062 728	10 539	1 189

Movimento da Safra 1943/44

Destino Santos

(ATÉ 31 DE MARÇO DE 1946) Sacas de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
Dirétas	2 065 315	2 065 296	19
14-R-43	266 359	265 593	766
13-R-43	225 456	225 456	—
12-R-43	280 795	280 795	—
11-R-43	198 391	198 391	—
10-R-43	210 295	210 295	—
9-R-43	150 748	150 748	—
8-R-43	154 792	154 792	—
7-R-43	113 847	113 847	—
6-R-43	86 524	86 524	—
5-R-43	83 559	83 559	—
4-R-43	92 708	92 708	—
3-R-43	35 650	35 650	—
2-R-43	50 484	50 484	—
1-R-43	116 042	116 023	19
Total	2 065 650	2 064 865	785
Preferencial	1 704 593	1 704 593	—
Pref. Despolpado	52 820	52 820	—
Total Geral	5 888 378	5 887 574	804

NOTA: — No total referente ao Preferencial Despolpado estão computadas 27 136 sacas despachadas durante o período de 1.° de junho a 15 de outubro de 1943.

Movimento da Safra 1944/45

Destino Santos

(ATÉ 31 DE MARÇO DE 1946)

Sacas de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-44	531	531	—
2-D-44	70 519	70 194	325
3-D-44	43 790	43 133	657
4-D-44	55 356	54 835	521
5-D-44	50 406	49 412	994
6-D-44	66 456	65 245	1 211
7-D-44	43 968	43 305	663
8-D-44	62 966	61 041	1 925
9-D-44	67 501	66 435	1 066
10-D-44	52 602	52 186	416
11-D-44	34 481	34 325	156
12-D-44	55 601	55 049	552
13-D-44	48 747	48 382	365
14-D-44	52 537	50 605	1 932
15-D-44	79 572	78 534	1 038
16-D-44	260 029	257 139	2 890
17-D-44	155 637	153 210	2 427
18-D-44	321 739	318 038	3 701
19-D-44	62 819	61 193	1 626
Total	**1 585 257**	**1 562 792**	**22 465**
16-R-44	531	531	—
15-R-44	70 535	52 607	17 928
14-R-44	43 806	32 774	11 032
13-R-44	55 372	39 640	15 732
12-R-44	50 423	36 869	13 554
11-R-44	66 478	46 135	20 343
10-R-44	43 979	28 204	15 775
9-R-44	62 988	45 022	17 966
8-R-44	67 514	54 862	12 652
7-R-44	52 616	38 658	13 958
6-R-44	34 490	27 566	6 924
5-R-44	55 613	42 707	12 906
4-R-44	48 762	45 277	3 485
3-R-44	52 546	46 037	6 509
2-R-44	79 592	66 093	13 499
1-R-44	260 117	199 102	61 015
2A-R-44	155 724	136 735	18 989
1A-R-44	321 921	316 701	5 220
1B-R-44	62 869	60 288	2 581
Total	**1 585 876**	**1 315 808**	**270 068**
Preferencial	693 552	670 236	23 316
Pref. Despolpado	24 896	24 896	—
Total Geral	**3 889 581**	**3 573 632**	**315 849**

Movimento da Safra 1945/46

Destino Santos

(ATÉ 31 DE MARÇO DE 1946)

Sacas de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-45	27 443	16 810	10 633
2-D-45	62 924	32 265	30 659
3-D-45	92 752	28 467	64 285
4-D-45	219 975	25 316	194 659
5-D-45	195 014	5 444	189 570
6-D-45	240 238	8 246	231 992
7-D-45	217 676	10 952	206 724
8-D-45	207 426	14 628	192 798
9-D-45	122 494	9 430	113 034
10-D-45	155 899	15 657	140 242
11-D-45	108 681	11 147	97 534
12-D-45	94 843	11 053	83 790
13-D-45	57 712	5 212	52 500
14-D-45	65 664	11 806	53 858
15-D-45	56 697	5 482	51 215
16-D-45	46 005	386	45 619
17-D-45	42 463	206	42 257
18-D-45	83 570	—	83 570
Total	**2 097 476**	**212 537**	**1 884 939**
18-R-45	27 452	5 132	22 320
17-R-45	62 972	7 607	55 365
16-R-45	92 778	3 118	89 660
15-R-45	220 025	7 059	212 966
14-R-45	195 048	5 316	189 732
13-R-45	240 291	8 195	232 096
12-R-45	217.735	11 106	206 629
11-R-45	207 474	14 630	192 844
10-R-45	122 535	9 462	113 073
9-R-45	155 966	16 102	139 864
8-R-45	108 718	11 050	97 668
7-R-45	94 869	11 064	83 805
6-R-45	57 732	5 214	52 518
5-R-45	65 699	11 819	53 880
4-R-45	56 727	5 345	51 382
3-R-45	46 037	386	45 651
2-R-45	42 500	207	42 293
1-R-45	83 632	—	83 632
Total	**2 098 190**	**132 812**	**1 965 378**
Preferencial	1 742 474	265 457	1 477 017
Pref. Despolpado	23 083	17 848	5 235
Total Geral	**5 961 223**	**628 654**	**5 332 569**

Resumo do café entrado em Santos

Safra por Estado de procedência

MARÇO DE 1946

Saca de 60 quilos

SAFRA	TOTAL DE JULHO A FEVEREIRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1942/43	422 932	136	—	—	—	136	423 068
1943/44	820 509	13 449	67 344	—	—	80 793	901 302
1944/45	3 882 744	261 843	81 042	3 416	15 877	362 178	4 244 922
1945/46	486 959	261 841	98 730	—	504	361 075	848 034
Total	5 613 144	537 269	247 116	3 416	16 381	804 182	6 417 326
Mesmo período ano ant.	2 355 329	285 772	36 934	—	9 380	332 086	2 687 415

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro

por Estado de procedência

MARÇO DE 1946

Saca de 60 quilos

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO A FEVEREIRO	MÊS DE MARÇO	TOTAL
São Paulo	11 617	2 059	13 676
Minas Gerais	873 685	189 221	1 062 906
Rio de Janeiro	345 242	53 338	398 580
Espírito Santo	556 924	96 655	653 579
Total	1 787 468	341 273	2 128 741

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos

SAFRA 1945/46

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	ATÉ 28 de FEVEREIRO DE 1946					1.ª QUINZENA DE MARÇO DE 1946					2.ª QUINZENA DE MARÇO DE 1946					T O T A L				TOTAL GERAL
	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	
São Paulo Railway	3 956	193 810	193 672	83 102	474 540	—	11 143	11 128	13 778	36 049	486	10 853	10 837	16 728	38 904	4 442	215 806	215 637	113 608	549 493
E. F. Sorocabana	9 749	369 443	369 392	94 430	843 014	3 064	5 735	5 733	252	14 784	—	18 896	18 893	3 475	41 264	12 813	394 074	394 018	98 157	899 062
Cia. Paulista E. F.	1 860	511 664	511 514	280 855	1 305 893	—	10 287	10 282	10 707	31 276	—	15 504	15 488	22 112	53 104	1 860	537 455	537 284	313 674	1 390 273
Cia. Mogiana E. F.	3 364	84 237	84 108	668 481	840 190	—	1 673	1 667	23 798	27 138	—	4 594	4 579	41 076	50 249	3 364	90 504	90 354	733 355	917 577
E. F. Araraquara	—	307 412	307 338	180 429	795 179	—	6 639	6 632	3 277	16 548	—	13 748	13 744	10 402	37 894	—	327 799	327 714	194 108	849 621
Cia. E. F. do Dourado	—	51 317	51 308	47 771	150 396	—	902	901	577	2 380	—	2 604	2 601	966	6 171	—	54 823	54 810	49 314	158 947
Cia. Ferroviária S. Paulo Goiaz	—	54 329	54 301	92 910	201 540	—	383	383	1 574	2 340	—	1 048	1 047	904	2 999	—	55 760	55 731	95 388	206 879
E. F. Monte Alto	—	3 453	3 453	8 194	15 100	—	—	—	—	—	—	200	200	150	550	—	3 653	3 653	8 344	15 650
E. F. Noroeste do Brasil	—	389 640	389 616	84 453	863 709	—	4 925	4 925	983	10 833	—	15 296	15 294	7 935	38 525	—	409 861	409 835	93 371	913 067
Cia. E. F. Itatibense	—	784	784	—	1 568	—	—	—	—	—	44	461	461	857	1 823	44	1 245	1 245	857	3 391
Cia. Campineira de T. L. F.	—	762	761	—	1 523	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	762	761	—	1 523
E. F. S. Paulo e Minas	—	1 614	1 608	23 067	26 289	—	93	93	—	186	—	—	—	—	—	—	1 707	1 701	23 067	26 475
E. F. Jaboticabal	—	—	—	336	336	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	336	336
E. F. Barra Bonita	—	226	225	—	451	—	—	—	—	—	—	73	72	—	145	—	299	297	—	596
E. F. Morro Agudo	—	3 143	3 139	12 833	19 115	—	720	719	700	2 139	—	355	354	4 953	5 662	—	4 218	4 212	18 486	26 916
E. F. Central do Brasil	—	224	224	409	857	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	224	224	409	857
Total	18 929	1 972 058	1 971 443	1 577 270	5 539 700	3 064	42 500	42 463	55 646	143 673	530	83 632	83 570	109 558	277 290	22 523	2 098 190	2 097 476	1 742 474	5 960 663

NOTAS: — Além dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 2 061 460 sacas de 1 de Julho a 31 de Março de 1946. Na Série Pref. Despolpado (Res. 467) safra 1945/46 foram despachadas durante o mês de Maio de 1945, 560 sacas.

Café Paulista recebido a despacho com destino ao Rio de Janeiro

SAFRA 1945/46

ESTRADA DE FERRO	ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1946					1.ª QUINZENA DE MARÇO DE 1946					2.ª QUINZENA DE MARÇO DE 1946					T O T A L				TOTAL GERAL
	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	
E. F. Sorocabana	—	—	—	3 000	3 000	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3 000	3 000
Cia. Paulista	—	—	—	2 321	2 321	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2 321	2 321
Cia. Mogiana	—	—	—	1 759	1 759	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 759	1 759
E. F. Araraquara	—	400	400	1 200	2 000	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	400	400	1 200	2 000
E. F. Noroeste do Brasil	—	—	—	2 500	2 500	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2 500	2 500
E. F. Central do Brasil	—	250	250	300	800	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	250	250	300	800
Total	—	650	650	11 080	12 380	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	650	650	11 080	12 380

NOTAS: — Além dos despachos acima mencionados foram despachados "Fora de Série" 111 916 sacas de 1 de Julho a 31 de Março de 1946. Até 28 de Fevereiro de 1946 foram despachadas com Destino a Angra dos Reis 134 sacas na Série Retida, 134 sacas na Série Direta e 239 sacas na Série Preferencial. Durante a 1.ª e 2.ª quinzena de Março de 1946, não houve despacho.

NTOS

Saca de 60 quilos

TRÓCA ERTIDO ESTOQUE PELO DNC	RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC	DE TRÓCA RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC	RETIRADO DO ESTOQUE P/ DNC SERVIÇO PROPGANDA	ENCONTRADO A MAIS NA VERIFICAÇÃO DO ESTOQUE	ENCONTRADO A MENOS NA VERIFICAÇÃO DO ESTOQUE	EXISTÊNCIA
—	105	—	—	—	—	2 659 890
—	3 993	—	—	—	—	2 663 016
—	319	208	—	—	—	2 476 009
—	192	—	—	—	—	3 239 558
—	413	—	—	—	—	3 253 308
—	—	—	—	—	—	2 527 915
—	1 768	—	—	—	—	2 441 958
—	3 300	—	—	—	76 315	2 387 648
—	1 450	—	—	—	—	2 552 095
—	11 450	208	—	—	76 315	—
159 981	191 622	2 969	—	—	—	3 329 904
8 828	50 106	151 860	—	—	—	3 641 163
16 943	54 959	17 286	42 739	—	—	1 418 954
11 070	180 588	83 711	—	1 192 888	—	1 567 473

Cotação dos cafés brasileiros no disponível

MARÇO DE 1946

DIA	MERCADOS						
	SANTOS	RIO	VITÓRIA	NOVA YORK EM CENTS. POR LIBRA (453,6)			
		EM CRUZEIROS		SANTOS		RIO	
	TIPO 4 (mole)	Tipo 7	Tipo 7	Tipo 4	Tipo 7	Tipo 6	Tipo 7
1	Nominal	36,20	31,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
2	,,	—	31,60	—	—	—	—
4	,,	—	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
5	,,	—	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
6	,,	36,20	31,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
7	,,	36,20	31,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
8	,,	36,40	31,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
9	,,	36,40	31,30	—	—	—	—
11	,,	36,50	32,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
12	,,	36,50	32,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
13	,,	36,80	32,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
14	,,	37,00	32,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
15	,,	37,00	32,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
16	,,	37,00	32,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
18	,,	37,00	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
19	,,	37,00	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
20	,,	37,00	33,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
21	,,	37,00	33,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
22	,,	37,00	33,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
23	,,	37,00	33,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
25	,,	36,70	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
26	,,	36,70	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
27	,,	36,70	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
28	,,	36,50	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
29	,,	36,50	32,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
30	,,	36,50	32,90	—	—	—	—
Média	—	**36,69**	**32,56**	**13 37,5**	**12 62,5**	**9 50**	**9 37,5**
Janeiro	Nominal	36,92	31,68	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Fevereiro	,,	36,08	31,17	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Março — 1945	Nominal	31,45	28,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, — 1944	,,	24,62	22,05	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, — 1943	,,	27,04	24,56	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, — 1942	42,72	28,89	26,55	13 37,5	—	—	9 37,5

NOTA : — SANTOS — Rio e Vitória — Bolsas Oficiais fechadas ;
,, — Cotação nominal segundo a Associação Comercial de Santos ;
RIO — Cotações fornecidas pelo Centro de Comércio de Café do Rio ;
VITÓRIA — Cotações fornecidas pela Agência Panameuro.

Cotação do disponível em Nova York

CAFÉS ESTRANGEIROS

MARÇO DE 1946

(Cif. Cents. por libra — 453,6 grs.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 30	MÉDIA
COLÔMBIA:		
Medellin Excelso	16 1/4	16 1/4
Armênia	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8
Bogotá	15 5/8	15 5/8
Girardot	15 5/8	15 5/8
Tolima	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4
COSTA RICA:		
Prime	16 00	16 00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2
CUBA:		
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4
EQUADOR:		
Lavado	13 1/4	13 1/4
GUATEMALA:		
Antigua	16 3/4	16 3/4
Extra Prime	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Bourbon	14 1/8	14 1/8
HAITÍ:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
MÉXICO:		
Coatepec	16 1/2	16 1/2
Tapachula	15 1/2	15 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
NICARÁGUA:		
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
SALVADOR:		
Prime Lavado	15 3/4	15 3/4
REPÚBLICA DOMINICANA:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
Natural "Sweet"	11 1/4	11 1/4
SURINAM	7 3/4	7 3/4
TRINIDAD	14 1/2	14 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

MARÇO DE 1946

(Cif. Cents. por libra — 453,6 grs.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 30	MÉDIA
VENEZUELA:		
Maracaibo Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Bom	15 1/8	15 1/8
Tachira Lavado Ordinário	14 5/8	14 5/8
ÁFRICA PORTUGUESA DO OESTE:		
Amboim	11 1/4	11 1/4
Encoge	11 00	11 00
ÍNDIAS HOLANDESAS DO OESTE:		
Java Genuino Lavado	19 1/2	19 1/2
Mandheling	25 00	25 00
Java Robusta Lavado	11 1/4	11 1/4
Natural Java Robusta	10 1/2	10 1/2
MOCA (ARÁBIA):		
Moca	18 1/2	18 1/2
ABISSÍNIA:		
Long Berry Harrar	17 00	17 00
CONGO BELGA:		
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4
HAVAÍ:		
N.º 1 Extra Prime	16 1/2	16 1/2
HONDURAS:		
Bom Lavado	15 00	15 00
JAMÁICA:		
Lavado	14 1/2	14 1/2
Natural A	11 1/2	11 1/2

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

MARÇO DE 1946

DIAS	LONDRES Dólar por L	MADRID Cents por Peseta (comercial)	ZURICK Cents por Franco (comercial)	R. DE JANEIRO Cents por Cr $	B. AIRES Cents por Peso	LISBOA Cents por Escudo	CANADÁ Cents por Dólar	STOCKOLMO Cents por Coroa
1	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 48 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
2	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 48 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
4	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 48 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
5	—	—	—	—	—	—	—	—
6	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 48 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
7	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
8	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
9	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
11	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
12	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
13	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
14	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
15	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
16	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
18	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
19	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
20	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
21	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
22	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
23	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
25	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
26	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
27	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
28	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
29	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
30	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 81 00	23 85 00
Média	4 03 37	9 20 00	23 37 00	5 18 00	24 49 68	4 07 00	90 81 00	23 85 00

Câmbio em São Paulo sôbre diversas praças

MÉDIA DIÁRIA

MARÇO de 1946

Bolsa Oficial de Valores de São Paulo

DIA	INGLATERRA		ESTADOS UNIDOS		LIVRE							
	LIVRE	OFICIAL	LIVRE	OFICIAL	PORTUGAL	ARGENTINA	CHILE	SUÉCIA	CANADÁ	URUGUAI	ESPANHA	SUÍÇA
1	78,90 1/16	—	19,50	16,50	—	—	0,62 15/16	—	—	—	—	—
2	81,00 5/16	—	20,10	16,50	0,82	5,00	0,64 7/8	4,72	18,20	—	—	—
6	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,81 5/16	5,15	—	—	—	—	—	—
7	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,82 1/2	4,99 /14	0, 64 7/8	4,85	18,10	11,40	—	—
8	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,82 1/8	4,95	0,64 7/8	4,84 1/2	—	11,38 13/16	1,84 15/16	—
9	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,83 1/16	4,95	0,64 7/8	—	—	—	—	—
11	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,81 3/4	4,93 7/8	—	—	—	—	2,20 1/8	—
12	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,83 5/8	5,00	0,64 7/8	4,85	—	11,38 13/16	—	—
13	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,83	4,95	0,64 7/8	4,85	18,25	—	—	—
14	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,82 7/8	5,00	0,64 7/8	4,85	18,20	11,38 13/16	—	—
15	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,83 1/2	4,95	0,64 7/8	4,85	—	11,38 13/16	1,83 9/16	—
16	81,00 5/16	—	20,10	16,50	0,83	5,00	0,64 7/8	4,84 3/4	—	—	1,83 9/16	—
18	81,00 5/16	—	20,10	16,50	0,82 15/16	5,00	—	—	—	10,38 13/16	—	4,77 1/4
19	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,82 1/2	4,94	—	4,85	—	—	—	—
20	81,00 5/16	—	20,10	16,50	0,83 1/2	4,98	0,64 7/8	—	18,40	—	—	—
21	81,00 5/16	66,49 1/2	20,10	16,50	0,83 1/2	4,98	0,64 7/8	—	—	—	—	—
22	81,00 5/16	—	20,10	—	0,83 1/4	4,93 1/2	0,64 7/8	4,85	—	—	—	4,77 1/4
23	81,00 5/16	—	20,10	—	0,83	4,93	0,64 7/8	4,85	—	11,38 13/16	—	—
25	81,00 5/16	—	20,10	—	0,83 1/4	4,95	—	4,85	—	—	1,83 9/16	—
26	81,00 5/16	—	20,10	—	0,83 3/16	4,95	0,64 7/8	4,85	—	—	1,83 9/16	—
27	81,00 5/16	—	20,10	—	0,82 1/2	—	0,64 7/8	4,85	—	—	1,83 9/16	4,77 1/4
28	81,00 5/16	—	20,10	—	0,83	4,95	0,64 7/8	4,84 3/4	18,50	—	—	4,77 1/4
29	81,00 5/16	—	20,10	—	0,82 3/4	4,95	0,64 7/8	4,85	—	11,38 13/16	—	4,77 1/4
30	81,00 5/16	—	20,10	—	0,82 1/2	5,00	0,64 7/8	4,84 3/4	—	—	—	—
Média...	**80,91 9/16**	**66,49 1/2**	**20,07 1/2**	**16,50**	**0,82 13/16**	**4,97 1/2**	**0,64 3/4**	**4,84 3/16**	**18,27 1/2**	**11,39**	**1,89**	**4,77 1/2**
Janeiro	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/32	16,50	0,79 9/16	4,93 1/16	0,62 15/16	4,71 5/8	—	—	1,80	4,63 13/32
Fevereiro ...	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/32	16,50	0,79 1/64	4,95	0,62 15/16	4,71 3/4	—	—	1,80	4,63 3/16

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

MARÇO DE 1946

MERCADO OFICIAL — VENDA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Coroa
1 a 30	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C

MERCADO OFICIAL — COMPRA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Coroa
1	66 49 1/2	16 50 00	3 85 9/16	0 67 1/8	—	9 16 11/16	—	—
2	66 49 1/2	16 50 00	3 85 9/16	0 67 1/8	4 03 3/4	9 16 11/16	—	—
3	—	—	—	—	—	—	—	—
4	—	—	—	—	—	—	—	—
5	—	—	—	—	—	—	—	—
6	66 49 1/2	16 50 00	3 85 9/16	0 67 1/8	4 03 3/4	9 16 11/16	—	—
7	66 49 1/2	16 5 000	3 85 9/16	0 67 1/8	4 02 15/16	9 16 11/16	—	—
8	66 49 1/2	16 50 00	3 85 9/16	0 67 1/8	4 02 1/2	9 16 11/16	—	—
9	66 49 1/2	16 50 00	3 85 9/16	0 67 1/8	4 02 1/2	9 16 11/16	—	—
10	—	—	—	—	—	—	—	—
11	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 19	9 16 67	0 53 23	—
12	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 021 9	9 16 67	0 53 23	—
13	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 19	9 16 67	0 53 23	—
14	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 70	9 16 67	0 53 23	—
15	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 22	9 16 67	0 53 23	3 93 56
16	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 47	9 16 67	0 53 23	3 93 56
17	—	—	—	—	—	—	—	—
18	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 22	9 16 67	0 53 23	3 93 56
19	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 46	9 16 67	0 53 23	3 93 56
20	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 46	9 16 67	0 53 23	3 93 56
21	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 46	9 16 67	0 53 23	3 93 56
22	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 01 68	9 16 67	0 53 23	3 93 56
23	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 03 42	9 16 67	0 53 23	3 93 56
24	—	—	—	—	—	—	—	—
25	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 93	9 16 67	0 53 23	3 93 56
26	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 44	9 16 67	0 53 23	3 93 56
27	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 44	9 16 67	0 53 23	3 93 56
28	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 19	9 16 67	0 53 23	3 93 56
29	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 19	9 16 67	0 53 23	3 93 56
30	66 49 50	16 50 00	3 85 51	0 67 07	4 02 19	9 16 67	0 53 23	3 93 56
Média..	**66 49 50**	**16 50 00**	**3 85 52**	**0 67 08**	**4 02 28**	**9 16 67**	**0 53 23**	**3 93 56**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

MARÇO DE 1946

MERCADO LIVRE — VENDA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Coroa
1	81 00 5/16	20 10 00	4 77 1/4	0 81 3/4	4 97 9/16	11 38 13/16	0 64 7/8	4 84 1/2
2	81 00 5/16	20 10 00	4 77 1/4	0 81 3/4	4 95 7/16	11 38 13/16	0 64 7/8	4 84 1/2
4	—	—	—	—	—	—	—	—
5	—	—	—	—	—	—	—	—
6	81 00 5/16	20 10 00	4 77 1/4	0 81 3/4	4 95 7/16	11 38 13/16	0 64 7/8	4 84 1/2
7	81 00 5/16	20 10 00	4 77 1/4	0 81 3/4	4 94 1/2	11 38 13/16	0 64 7/8	4 84 1/2
8	81 00 5/16	20 10 00	4 77 1/4	0 81 3/4	4 93 7/8	11 38 13/16	0 64 7/8	4 84 1/2
9	81 00 5/16	20 10 00	4 77 1/4	0 81 3/4	4 93 7/8	11 38 13/16	0 64 7/8	4 84 1/2
11	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
12	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
13	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
14	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
15	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
16	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
18	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 35	11 38 81	0 64 84	4 84 47
19	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 65	11 38 81	0 64 84	4 84 47
20	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 65	11 38 81	0 64 84	4 84 47
21	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 92 65	11 38 81	0 64 84	4 84 47
22	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 81	4 94 16	11 38 81	0 64 84	4 84 47
23	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 95 07	11 38 81	0 64 84	4 84 47
25	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 94 46	11 38 81	0 64 84	4 84 47
26	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 86	11 38 81	0 64 84	4 84 47
27	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 86	11 38 81	0 64 84	4 84 47
28	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
29	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
30	81 00 30	20 10 00	4 77 24	0 81 71	4 93 55	11 38 81	0 64 84	4 84 47
Média..	**81 00 30**	**20 10 00**	**4 77 24**	**0 81 72**	**4 93 82**	**11 38 81**	**0 64 85**	**4 84 48**

MERCADO LIVRE — COMPRA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Coroa
1	77 77 15/16	19 30 00	4 50 15/16	0 78 1/2	4 74 1/4	10 72 1/4	0 62 5/16	—
2	77 77 15/16	19 30 00	4 50 15/16	0 78 1/2	4 72 3/16	10 72 1/4	0 62 5/16	—
4	—	—	—	—	—	—	—	—
5	—	—	—	—	—	—	—	—
6	77 77 15/16	19 30 00	4 50 15/16	0 78 1/2	4 72 3/16	10 72 1/4	0 62 5/16	—
7	77 77 15/16	19 30 00	4 50 15/16	0 78 1/2	4 71 15/16	10 72 1/4	0 62 5/16	—
8	77 77 15/16	19 30 00	4 50 15/16	0 78 1/2	4 70 3/4	10 72 1/4	0 62 5/16	—
9	77 77 15/16	19 30 00	4 50 15/16	0 78 1/2	4 70 3/4	10 72 1/4	0 62 5/16	—
11	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 44	10 72 22	0 62 26	—
12	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 44	10 72 22	0 62 26	—
13	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 44	10 72 22	0 62 26	—
14	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 87	10 72 22	0 62 26	4 60 35
15	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 30	10 72 22	0 62 26	4 60 35
16	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 59	10 72 22	0 62 26	4 60 35
18	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 30	10 72 22	0 62 26	4 60 35
19	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 59	10 72 22	0 62 26	4 60 35
20	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 59	10 72 22	0 62 26	4 60 35
21	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 69 59	10 72 22	0 62 26	4 60 35
22	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 71 02	10 72 22	0 62 26	4 60 35
23	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 71 88	10 72 22	0 62 26	4 60 35
25	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 71 31	10 72 22	0 62 26	4 60 35
26	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 73	10 72 22	0 62 26	4 60 35
27	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 73	10 72 22	0 62 26	4 60 35
28	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 44	10 72 22	0 62 26	4 60 35
29	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 44	10 72 22	0 62 26	4 60 35
30	77 77 90	19 30 00	4 50 93	0 78 46	4 70 44	10 72 22	0 62 26	4 60 35
Média..	**77 77 91**	**19 30 00**	**4 50 93**	**0 78 47**	**4 70 72**	**10 72 22**	**0 62 27**	**4 60 35**

Índice

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

Saca de 60 quilos

MESES	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	2 441 958	542 130	191 146	57 175	82 183	1 007	82 505	3 397 804
Fevereiro	2 387 648	610 098	235 106	58 070	125 237	2 122	89 120	3 507 401
Março	2 552 095	650 815	232 880	55 669	111 064	1 595	100 249	3 704 367
Março de 1945	3 329 904	591 780	212 888	65 226	17 359	20 498	51 322	4 288 977
Março de 1944	3 641 163	690 528	223 968	42 040	82 293	35 165	39 317	4 754 474
Março de 1943	1 418 954	416 653	131 921	42 648	72 545	47 107	25 008	2 154 836
Março de 1942	1 567 473	338 155	194 643	13 938	113 331	76 510	39 003	2 343 053

CAFÉ
SANTOS